



**Minha história contada aos
meus netos**

Marcise Mendonça Vital

Minha história contada aos meus netos

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas

REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autora

DESIGNER DE CAPA: Editora Kattleya

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de sua autora, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.



2026 por Marcise Mendonça Vital Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, por quaisquer meios, sem autorização por escrito da autora.

2026 Editora Kattleya

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05

Antares, Maceió - AL, 57048-230

www.editorakattleya.com

editorakattleya@gmail.com

Marcise Vital

Rua Manoel Borba, 430 Carmo – Olinda - PE

+55 (81) 9 8897-1844

marcisev@hotmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

V836m

Vital, Marcise Mendonça

Minha história contada aos meus netos / Marcise Mendonça
Vital. – Maceió-AL: Kattleya, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-65-83366-30-6

1. Memória autobiográfica. I. Vital, Marcise Mendonça. II.
Título..

CDD 808.06692

Índice para catálogo sistemático

I. Memória autobiográfica

Marcise Mendonça Vital

Minha história contada aos meus netos

Nota da autora: Este livro foi revisado e ilustrado com o apoio de inteligência artificial. As imagens foram criadas a partir das lembranças preservadas na minha memória.

Sumário

GESTO QUE ABRE AS PORTAS INTERNAS	10
CAPÍTULO 1	11
Minhas origens.....	11
Identidade e infância	13
Momentos preferidos, livros e o “Mexe-Mexe”	21
Noites de Natal e histórias de pai.....	23
O Jogo do Meio-Dia	25
Entre o colo e o silêncio.....	27
Vocação de ensinar da minha mãe	30
Raízes que permanecem.....	32
O baú e as vozes do tempo.....	41
Entre tios e memórias	43
Travessuras e raízes.....	45
Alicerces da minha história	47
Os domingos bordados	49
CAPÍTULO 2	52
A nova rotina e a minha casa	52
Luzes, rituais e pequenos encantos	56

Quando o som virava companhia	57
A televisão e a cidade	59
Sabores da terra e gestos de partilha	60
Quando tinha cabidela em casa	63
A casa do Monsenhor	65
O primeiro gosto de liberdade.....	68
CAPÍTULO 3	72
Sobre crescer e chegar à vida adulta	72
O despertar na Escola Normal	75
Deixar Limoeiro em busca do futuro.....	76
O que o tempo não apaga.....	79
O preço da independência	83
A Casa da Estudante de Filosofia	85
Recife e a Universidade Federal de Pernambuco.....	87
O apartamento da Sete de Setembro	91
Entre Paris e Grenoble	96
CAPÍTULO 4	101
Entre escolhas e recomeços	101
Novos começos	107

O tempo das transformações.....	110
CAPÍTULO 5	113
Caminhos pelo mundo.....	113
A música dentro de mim	115
O cinema como refúgio	119
Fins de semana em Recife	121
CAPÍTULO 6	126
Quando a história nos atravessa	126
A aprovação que eu não vi	127
A colação que começou com um impacto	129
Caminhos e conquistas	131
Ser avó.....	133
A chegada de Maria.....	137
A Casa que se enche de afeto	138
CAPÍTULO 7	141
A escolha que ficou	141
Rupturas e caminhos interrompidos	142
Espaços que transformaram	144
CAPÍTULO 8	147
Pessoas que permanecem.....	147

Aprendizados e limites	149
Lembranças que acolhem.....	151
Descobertas.....	153
CAPÍTULO 9	155
O sentido do que vivi.....	155
O essencial permanece	157
EPÍLOGO	161

GESTO QUE ABRE AS PORTAS INTERNAS

O presente que recebi de minha neta Mayara, naquele Dia das Mães — em 10 de maio de 2026 — não foi apenas um livro. Foi um gesto profundo, cheio de significado. Um convite para revisitar a minha própria história, organizar memórias, afetos, escolhas, dores e alegrias em forma de narrativa.

Foi como se ela tivesse colocado em minhas mãos a chave para abrir gavetas antigas — algumas esquecidas, outras guardadas com carinho.

O livro “*Vó, me conta a sua história*”, com perguntas cuidadosamente elaboradas, tornou-se quase uma conversa íntima entre gerações. Ele me convidou a voltar no tempo, a resgatar o que vivi, a dar nome aos sonhos que me acompanharam ao longo de setenta e seis anos.

E fiz algo ainda mais bonito: transformei essas respostas em um novo livro — *Minha história contada aos meus netos*. Um legado pessoal destinado a vocês: Mayara, Eduardo, Guilherme e Maria.

Com amor,

Marcise Mendonça Vital

CAPÍTULO 1

Minhas origens

Meu pai veio ao mundo em Castanhal, no Pará, em 19 de dezembro de 1920. Embora meus avós fossem do Ceará, naturais de Quixadá, estavam visitando familiares na região Norte quando ocorreu o seu nascimento.

Sempre achei bonita essa história: nasceu longe de casa, quase por acaso, como se a vida tivesse escolhido para ele um começo diferente, marcado por movimento e encontros.

Minha mãe nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, em 25 de outubro de 1926. Carregava em si uma mistura de força e doçura que definiu toda a sua presença. Sempre senti que aquela terra marcada por calor humano moldou quem ela foi.

Não sei exatamente como meus pais se conheceram. Mas minha avó contava que, antes de sair para namorar com meu pai, minha mãe precisava fazer minha tia Yara dormir. O namoro deles foi longo:

— Cheio de pequenos rituais que hoje parecem pertencer a um tempo mais lento e delicado.

Papai era um homem de muitos talentos. Inteligente e habilidoso como eletricista, ajudava nas procissões, montando andores e decorando a igreja. Também trabalhou como

funcionário público — primeiro na Prefeitura de Limoeiro e depois na Coletoria Estadual, atuando em várias cidades do Ceará.

Embora tenha sido criado no catolicismo, ingressou na maçonaria já depois dos quarenta anos. Manteve essa escolha em segredo diante do seu padrinho, o Monsenhor, por respeito e amor — preferindo preservar o vínculo que tinham.

O casamento de meus pais, Fausto e Francisca — conhecida como Francinete — aconteceu em dezembro de 1948. Foi o início de uma vida construída com simplicidade, coragem e propósito.

Logo depois nasceu o primeiro filho, Márcio.

No ano seguinte, no dia 9 de abril, um domingo de Páscoa, em Limoeiro do Norte, dei meus primeiros passos na linha do tempo da minha própria história.

Meus pais escolheram para mim o nome Marcise — um nome incomum, possivelmente criado para se aproximar do nome do meu irmão, Márcio. Um nome único, que sempre carregou uma identidade própria. Fui registrada como Marcise Maia Mendonça.

Ainda bebê, enfrentei uma gastroenterite — algo sério naquele tempo. Minha mãe nunca esqueceu esse episódio. Ela sempre dizia que foi um momento em que a vida parecia estar por um fio.

Foi então que entrou em cena o Dr. Deoclécio Lima Verde. A forma como minha mãe falava dele — com reverência — dizia tudo. Para ela, foi quem salvou minha vida. Mais do que um médico, ele se tornou parte da nossa história.

Depois de mim, nasceram meus irmãos:

Marconi, em 1951, e Marilúcia, em 1955, completando a família.

Identidade e infância

Em muitas famílias e grupos de crianças, os apelidos surgem naturalmente — às vezes por afeto, outras por brincadeira.

No meu caso, porém, parece que “Marcise” já bastava: um nome com força própria, singular o suficiente para dispensar variações.

E há algo simbólico nisso: cresci sendo chamada exatamente pelo nome que meus pais escolheram — um nome raro, inventado, só meu.

É como se, desde cedo, minha identidade estivesse inteira, sem diminutivos, sem distorções, sem rótulos externos.

Essa foi a lembrança que minha mãe compartilhou comigo: extrovertida, cantora e curiosa — um retrato que se encaixa perfeitamente na imagem que guardo da minha infância.

Ser extrovertida naquela idade significava não ter medo de me expressar, de ocupar espaço, de mostrar quem era.

Gostar de cantar revelava uma alma leve, sensível, que encontrava alegria no som da própria voz.

E a curiosidade... essa talvez seja minha marca mais profunda.

A curiosidade é o motor da infância, mas em algumas crianças ela é mais intensa, mais luminosa.

E eu, com minha personalidade própria, não precisava copiar ninguém para me destacar.

Minha presença já era marcante por si só.

Essa transição — do brincar sozinha com bonecas para entrar num ambiente cheio de vozes, risos, regras e amizades possíveis — foi um ponto importante.

É quase como se a infância tivesse duas fases:

a primeira, mais íntima e silenciosa;

a segunda, mais social e expansiva.

Usar óculos tão cedo, ainda mais com lentes de vidro, realmente vinha a mudar o meu jeito de brincar naquela época.

Não era apenas uma questão de visão; era uma questão de proteção.

As lentes eram pesadas, frágeis, caras, e qualquer queda podia machucar de verdade.

Por isso, faz sentido que minha mãe tivesse uma lista de “proibições”:

não subir em árvores,

não pular corda,

não correr.

Para uma criança cheia de energia, isso devia parecer um mundo de aventuras interditas.

Mas encontrei o meu espaço possível:

o balanço.



Enquanto outras crianças corriam, escalavam, se penduravam, eu me balançava — indo e voltando, num movimento que é ao mesmo tempo suave e contemplativo.

O fato de não lembrar de amiguinhas antes dos seis anos não significa solidão; significa que meu mundo era mais doméstico, mais protegido, mais centrado na família e nas brincadeiras que podia controlar.

Muitas crianças da época viviam assim — a socialização começava de verdade quando se entrava na escola.

E para mim, esse marco foi o Patronato Santo Antônio, aos seis anos, quando o círculo se abriu, quando outras crianças passaram a fazer parte da minha rotina

A imagem que trago agora — a da “macaca”, ou amarelinha, riscada no chão com giz, tijolo ou pedaço de pedra — acrescenta mais uma cor ao mosaico da minha infância.

É uma lembrança simples, mas cheia de vida.

A amarelinha sempre teve algo de mágico: aquele desenho no chão transformava um pedaço de chão em território de brincadeira, de equilíbrio, de risos.

Mesmo com as restrições por causa dos óculos de vidro, ainda encontrava maneiras de participar.

A amarelinha era perfeita para isso:

exigia atenção, leveza, um pulo controlado, quase uma dança.

E ali, entre outras crianças: entrando e saindo da brincadeira, marcando meu espaço no grupo, vivendo a infância dentro dos limites possíveis — mas ainda assim vivendo.



Essa memória mostra como transitava entre o cuidado imposto pela minha mãe e o desejo natural de brincar.

A amarelinha era uma espécie de meio-termo: não tão perigosa quanto subir em árvores, mas ainda assim cheia de movimento, desafio e alegria.

Uma lembrança bonita.

O jeito como acontecia a rotina:

jantar cedo, ir para o quarto às sete da noite, acordar cedinho para ir à escola.

— Isso tem aquele sabor de infância organizada, simples e cheia de afeto.

Até os meus nove anos, havia um detalhe que tornava tudo ainda mais especial: almoçar todos os dias na casa do padrinho Monsenhor. Não era apenas uma refeição, era convivência, era pertencimento.

Chamados de “os netos do padre” diz muito sobre o vínculo que existia ali. Ele não apenas acolheu meu pai:

ele criou raízes, construiu família, deu nome, deu lugar.

É o tipo de história que explica muito sobre quem a gente se tornou.

No final da década de cinquenta — estávamos ali, sempre junto do padrinho, como parte natural daquele mundo:

dava para sentir a poeira da estrada,

o burburinho das pessoas chegando para a missa,

o movimento das fazendas.

Na infância, cresci tendo como cenário diário a fé, a vida em comunidade e a simplicidade do interior. Eram elementos tão presentes e naturais que, sem que eu percebesse, foram moldando meu jeito de ser — deixando marcas profundas, daquelas que acompanham a gente por toda a vida.

Nos povoados e fazendas pertencentes à Paróquia de Limoeiro, a vida se reunia em torno das celebrações:

missas, batizados, casamentos.

Cada rito envolto em fé e alegria simples.

Após as cerimônias, vinha o almoço — um momento aguardado, que reunia todos em torno da mesa farta, preparada com cuidado e generosidade para o celebrante, no caso, meu padrinho Monsenhor. Era mais do que uma refeição: era a continuidade da celebração, marcada pela partilha, pela conversa e pelo calor da convivência.

E para nós, a cena do almoço na fazenda era maravilhosa e quase cinematográfica:

as crianças da casa misturadas conosco, o aguedá de barro no chão, com feijão de corda, leite e rapadura raspada — uma combinação tão típica, tão afetiva, tão nordestina.

Todos sentados no chão, cada um com sua colher, rindo, comendo juntos, achando aquilo o máximo.

É o tipo de lembrança que fica guardada não só pela comida, mas pelo sentimento de festa, de novidade, de pertencimento.

E aquilo era um ritual diferente, quase uma aventura.

Ainda nas férias, logo depois das festas que encerravam o ano, seguíamos para Fortaleza.

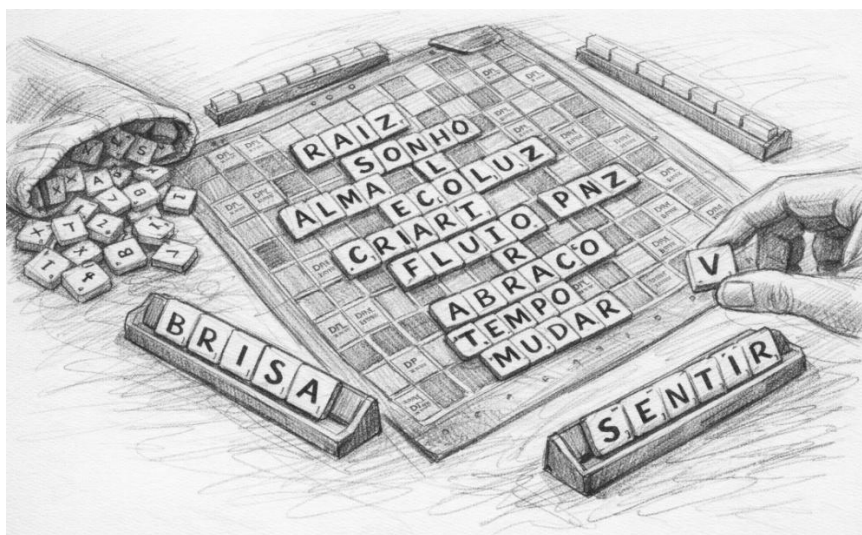


Nessa cidade, ficávamos hospedados na casa de familiares de padrinho Monsenhor.

Era então o momento das consultas com o oftalmologista Ricardo Gouveia Soares, cuja reputação parecia ocupar toda a sala antes mesmo de sua chegada.

Momentos preferidos, livros e o “Mexe-Mexe”

No fim da tarde, sentava-me na minha cadeira de balanço infantil, ao lado dos meus irmãos, para observar o vai e vem das pessoas na rua. Era um dos momentos preferidos, como se o mundo passasse devagar diante de nós.



Na minha infância, mal conseguia perceber a diferença entre um dia e outro.

Desde que as primeiras letras começaram a fazer sentido diante dos meus olhos, os livros tornaram-se companheiros constantes.

Padrinho, o Monsenhor, voltava de cada viagem à capital do Ceará trazendo um volume novo, embrulhado com o cuidado de quem sabe que oferece mais que papel: oferece mundos.

Por volta dos meus sete anos, após o jantar, eu ia para o quarto. De lá, ao longe, chegavam os sons vindos da sala de jantar — vozes, risadas e o tilintar das peças.

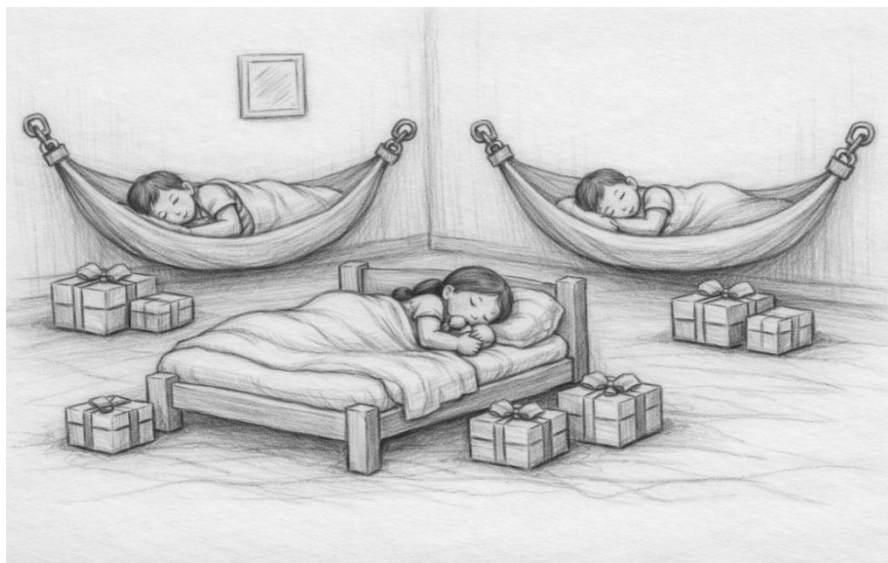


Meu padrinho Monsenhor e meus pais permaneciam ali, entregues ao jogo, e eu ouvia apenas que tudo girava em torno de algo chamado ‘mexe-mexe’.

Noites de Natal e histórias de pai

O dia mais esperado do ano era, sem dúvida, a noite de Natal.

Havia uma magia que tomava conta da casa. Na madrugada, “Papai Noel” deixava seus presentes, e eu acordava com o coração acelerado, tomada por aquela alegria que só a infância conhece.



No dia seguinte, ainda havia mais:

eram presentes que padrinho Monsenhor nos oferecia com seu carinho discreto, mas sempre presente.

E como se o Natal durasse dois dias, iluminando tudo ao redor.

Sempre digo que tive uma infância profundamente rica, cheia de momentos vividos com intensidade e cercada de carinho.

Tive uma relação maravilhosa com meu pai. Daquelas que não precisavam de grandes feitos para existir.

À noite, antes de dormir, papai transformava o quarto em um lugar de encantamento ao me contar histórias.

Suas palavras davam vida a universos inteiros, e Ali Babá e os quarenta ladrões deixavam de ser apenas personagens para ganhar movimento e presença na minha imaginação, como se saíssem das páginas do livro para caminhar ao meu redor.



Adormecia embalada pela voz dele, e quando o medo me acordava no meio da madrugada, meus pés sabiam o caminho.



Corria para a rede dele, onde o mundo voltava a ser seguro.

O Jogo do Meio-Dia

Ao meio-dia acontecia nosso ritual mais bonito. Quando ele chegava do trabalho para almoçar, eu corria para me esconder no lugar de sempre.

A extensão de cimento do fogão a lenha, que servia de balcão, era o esconderijo perfeito. Ali eu me encolhia, segurando o riso, esperando-o entrar na cozinha chamando meu nome.

Papai fingia procurar pela casa inteira, chamando-me entre risadas contidas. Mas eu sabia — e ele também sabia.

Era um jogo silencioso, uma cumplicidade que dispensava palavras.

Eu me escondia atrás das portas, sob as mesas, com o coração acelerado, aguardando o momento em que seus passos chegariam perto. E, quando enfim me encontrava, surgia na porta da cozinha com aquele sorriso que, mesmo depois de tantos anos, eu reconheceria em qualquer tempo da minha vida.

Ele me pegava nos braços com firmeza e carinho, tirava-me da bancada e me colocava no chão, como quem me devolve ao mundo — ao riso, à luz, e à certeza de que o amor também sabe brincar.



Entre o colo e o silêncio

Há um orgulho silencioso. Orgulho de ter tido um pai assim. Orgulho de ter sido amada desse jeito. Orgulho de guardar essa história dentro de mim — uma história que, embora pertença ao passado, continua iluminando o presente.

Porque algumas memórias não passam. Elas permanecem. E, quando voltam, é como se o fogão a lenha

ainda estivesse aceso e papai ainda estivesse ali, me procurando pela cozinha.

Falar da diferença entre a presença de papai e a da minha mãe não diminui ninguém; apenas revela como cada um ocupou um lugar distinto na minha formação emocional.

Ele era presença, acolhimento, disponibilidade emocional. Era o colo sempre aberto, a história antes de dormir, o abraço no medo, a brincadeira do meio-dia. Era o lugar onde eu me sentia vista, segura, pertencente. Isso criou um vínculo que, naturalmente, se tornou mais forte.

Minha mãe tinha outro jeito de amar — mais contido, talvez mais prático. E isso não significava ausência de amor. Apenas que o amor dela tinha outra linguagem. O ciúme dela fazia sentido.

Não porque eu “preferisse” papai, mas porque ela percebia a conexão especial entre nós dois. E, às vezes, quando alguém ama, mas não sabe demonstrar do mesmo jeito, pode sentir que está ficando de fora. E isso não era falha dela.

Reconhecer isso não é injustiça — é maturidade. É olhar para a própria história com clareza e dizer: meu pai me deu algo que minha mãe não sabia dar. E isso não apaga o valor de nenhum dos dois.

Fisicamente, pareço-me mais com papai; quanto à personalidade, sinto que construí a minha própria. Não sou cópia

de ninguém. Sou resultado das experiências, das escolhas, das dores e das alegrias que vivi. Como se tivesse recebido o material bruto deles, mas esculpido, com o tempo, minha própria forma de ser.

Hoje, ao pensar nessas cenas, sinto duas presenças caminhando lado a lado: a alegria do que vivi e a saudade do que não volta.

A saudade chega diferente: não pesa, abraça. É uma saudade mansa, que carrega a certeza de que o vivido foi tão bom que deixou marca.

De um lado, o abraço fácil do meu pai, sempre pronto, sempre aberto. Do outro, a presença mais seca da minha mãe, que amava em silêncio, sem gestos largos, sem demonstrações constantes. E foi dessa combinação — tão imperfeita e tão humana — que nasceram algumas das lições mais importantes da minha vida.

Ele me ensinou que um colo pode ser um lugar de cura. Que histórias contadas antes de dormir são mais do que entretenimento — são uma forma de dizer “eu estou aqui”. Aprendi que presença é amor em estado puro.

O jeito como ele me acolhia no meio da noite, como me procurava na cozinha fingindo não saber onde eu estava, como me levantava nos braços... tudo isso me ensinou que o mundo

pode ser um lugar confiável quando alguém nos segura com firmeza e carinho.

Com minha mãe, aprendi a independência emocional. Ela não era do colo fácil. E, embora isso tenha doído na infância, mais tarde compreendi que ela me ensinou a me sustentar por dentro. A não depender sempre do abraço alheio. A encontrar força no silêncio.

Foi com ela que aprendi que o amor também pode ser discreto, mesmo quando não é macio. Aprendi a observar o que não é dito, a perceber nuances, a ler gestos mínimos. Essa sensibilidade — que às vezes parece intuição — nasceu do esforço de decifrar o modo como ela amava.

Com os dois, aprendi que identidade é escolha.

Meu pai me deu colo. Minha mãe me deu estrutura. E, no fim, compreendi que cada um ofereceu o que sabia, o que podia, o que era.

E eu aprendi a amar os dois — não pelo que faltou, mas pelo que ficou.

Vocação de ensinar da minha mãe

Minha mãe, por sua vez, também teceu sua própria história de dedicação. Formou-se professora pela Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte e, antes disso, viveu como interna no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza.

Ali, entre os ensinamentos das irmãs de caridade, aprendeu a confeccionar flores de pano e arranjos delicados.

Mais tarde, enquanto criava os filhos, transformou essa habilidade em trabalho — moldando flores com uma delicadeza que parecia refletir a própria alma.

Eu tinha apenas nove anos quando ela assumiu sua primeira turma, em uma escola da comunidade de Espinho, distrito de Limoeiro.

Foi ali que iniciou, de fato, sua trajetória no magistério. Algum tempo depois, foi transferida para o Liceu de Artes e Ofícios, também em Limoeiro, dando continuidade à sua missão de ensinar.

Em 1979, já com os filhos adultos, ingressou na Faculdade Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Concluiu o curso de Psicologia e passou a lecionar na própria instituição.

Mais tarde, ao obter a especialização em Psicopedagogia, atuou como psicopedagoga no Colégio Lauro Rebouças.

Grande parte de sua vida foi dedicada ao magistério — uma vocação que abraçou com seriedade, amor e competência.

Ao se aposentar, e após o falecimento de papai, mudou-se para Olinda, onde eu já residia. Como seus pais e irmãos

viviam na vizinha cidade do Recife, ela pôde se reaproximar da família e viver cercada pelos seus.

Raízes que permanecem

Meus avós paternos, Vicente Nonato de Mendonça e Florencia Serafina de Mendonça, uniram suas vidas em 30 de novembro de 1913, na Igreja Paroquial de Quixeramobim.

O casamento foi celebrado com dispensa de impedimentos por consanguinidade, registrado nos livros paroquiais como de segundo e terceiro graus. Ele, então com 27 anos, era filho de Pedro José de Oliveira e Rosa Maria da Conceição. Ela, aos 21, era filha de Raimundo Florêncio de Mendonça e Josefa Ferreira da Silva.

Sempre senti que essa união carregava uma força ancestral — como se ali começasse uma parte importante da história da família, tecida entre fé, tradição e laços que vinham de muito antes deles.

Pelo que ouvi de meu pai, vovô Vicente faleceu em 6 de fevereiro de 1935, aos 47 anos, quando papai tinha apenas 15. Cresci escutando histórias sobre ele: um homem simples, sapateiro e trabalhador rural. Nunca tive a chance de conhecê-lo, mas sua presença chegou até mim pelas palavras, pelos gestos herdados e pela memória viva de quem conviveu com ele.

Minha avó, Mãe Flor, era do lar e criou muitos filhos com grande esforço. Cheguei a vê-la quando eu tinha pouco mais de quatro anos, alguns meses antes de sua morte, em 15 de maio de 1955. Ainda assim, não guardo lembranças dela. Nem mesmo fotografias que pudessem dar forma concreta à sua imagem. É como se sua presença tivesse passado por mim como um sopro breve — deixando apenas o eco das histórias que me contaram.

Eu sabia também da existência de outros irmãos de papai que, como ele, partiram cedo em busca de novos caminhos. Tia Consuelo faleceu pouco depois da morte de minha avó paterna. Já tia Odette, a irmã mais velha, tornou-se para mim uma figura conhecida através das histórias e das cartas que trocava com papai. Era um tempo em que a distância era longa e os encontros raros, mas o afeto encontrava caminho nas palavras escritas.

Do lado materno, meus avós Eugênio Lúcio Maia e Francisca Lucas Maia nasceram e viveram por muitos anos em Limoeiro do Norte, Ceará — terra que moldou suas histórias e seus modos de ser.

Minha avó, nascida em 13 de novembro de 1902, era filha de João Carneiro de Amorim e Carolina Antônio de Oliveira. Meu avô, nascido em 1897, era filho de Eugênio Cassimiro Maia e Cândida Delfina da Conceição. Construíram juntos uma vida firme naquela cidade até o início dos anos 1970, quando

decidiram mudar-se para Recife, em Pernambuco. Sempre senti que essa mudança marcou uma nova etapa na trajetória da família — como se abrissem uma porta para outros caminhos.

Enquanto viveram em Limoeiro, mantinham um sítio bem estruturado na localidade conhecida como Ilha, além de um ponto comercial no Centro da cidade.

Madrinha, como eu chamava minha avó, era uma mulher de grande inteligência e uma comerciante admirável. Vendia de tudo um pouco: roupas, peças íntimas, artigos femininos — e os doces preparados com frutas colhidas no próprio sítio, como banana, caju, goiaba e tantas outras. Sempre admirei essa força nela — essa capacidade de transformar o que a terra oferecia em sustento, trabalho digno e afeto partilhado.



O dia começava cedo para eles, antes mesmo do sol firmar sua presença no céu. Papai Geninho assumia tarefas que exigiam vigor e constância. Entre elas, uma ocupação que abria todas as outras:

cortar a lenha que alimentaria o fogão.

Em seguida:

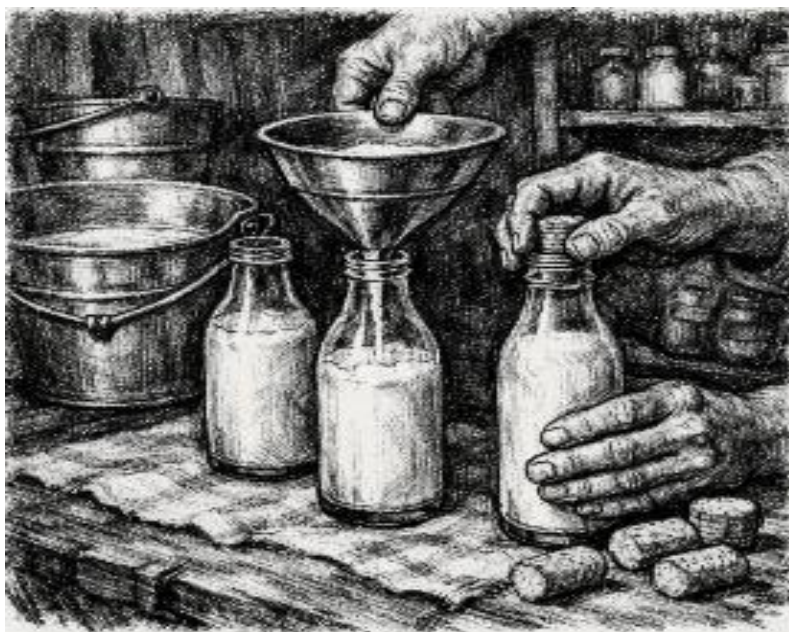
seguir para o curral,



no curral, ele fazia a ordenha das vacas,



Engarrafava todo o leite,



depois, era a hora da comercialização.



Como o rio Jaguaribe não era perene, durante o inverno meu avô precisava atravessá-lo em uma pequena canoa todas as manhãs, até alcançar a outra margem.

Depois da travessia, seguia rumo à sua bodega, onde realizava pessoalmente as entregas do dia.

Fazia questão de entregar as garrafas de leite diretamente a cada freguês, garantindo que tudo chegasse às suas mãos exatamente como eles esperavam.

Enquanto isso, quando “Madrinha” não estava na casa da cidade — essa figura tão carinhosa na minha memória — era ela quem cuidava da casa do sítio e da comida.

Mas seu papel ia muito além disso:

participava das colheitas, ajudava no preparo dos doces, cuidava dos animais menores, e ainda encontrava tempo para manter tudo em perfeita ordem, como se cada canto daquele lugar dependesse do toque dela para continuar vivo.

Parecia que suas mãos tinham o dom de transformar qualquer tarefa, por mais simples que fosse, em algo cheio de cuidado e propósito.

O que mais impressionava era ver tudo sendo produzido ali mesmo: o leite, o queijo, a manteiga, os doces, a lenha, a comida



Nada era descartável, nada era comprado por conveniência. Era um ciclo completo de trabalho, cuidado e autonomia.

Recordo-me das temporadas em que eu permanecia no sítio, justamente na época em que as noites se enchiam de gente, de vozes e de luz.

Como no sítio havia uma casa de farinha completa, os pequenos agricultores que plantavam macaxeira e mandioca nas terras dos meus avós traziam suas colheitas para o beneficiamento. Em troca, deixavam um terço do que produziam como pagamento.

E assim o dia ganhava outro ritmo:

primeiro a lavagem das raízes,

depois o descascamento, passar no ralador,

na prensa que retirava a manipueira — mais tarde usada para fazer a goma da tapioca.

Adiante, o grande forno, alimentado por lenha e pelas cascas de coco, recebia a massa já seca para transformá-la em farinha.

Minha avó, sempre vigilante, não tirava os olhos de nós, as crianças.

Sabia que aquele ambiente, cheio de ferramentas, fogo e movimento, não era lugar seguro para pequenos curiosos.



O baú e as vozes do tempo

Guardo, com um carinho quase sagrado, o baú onde um dia foram guardados os objetos que pertenceram ao meu avô.



Mesmo vazio, ele ainda parece conservar ecos do passado, como se cada dobra da madeira murmurasse histórias que só ele e eu conhecíamos. Bastava que a tampa rangesse ao se abrir para que meus olhos se enchessem de curiosidade. Eu adorava vasculhar aquele interior silencioso, como se cada objeto ali guardado — ou mesmo a ausência deles — carregasse um pedaço da história da família. E, de algum modo, também da minha. Era como abrir uma porta para um tempo que eu não vivi, mas que me escolhia sempre que eu me inclinava sobre aquele tesouro de madeira antiga.

Tanto o meu avô do coração, o querido 'Padrinho Monsenhor', quanto os meus avós maternos marcaram profundamente a minha infância.



Ao retornar a essas lembranças, torna-se evidente a importância que cada um deles teve na minha formação — não apenas como criança, mas como pessoa. Foram presenças que me ensinaram valores, gestos de cuidado, modos de viver e de olhar a vida.

Sempre digo que tive uma infância feliz — e não é exagero.

Essa felicidade não veio de grandes acontecimentos, mas da convivência com adultos que me acolheram com amor e me ensinaram o valor da partilha, da fé, do trabalho e da alegria simples.

Cada lembrança que guardo deles é como uma peça de um quebra-cabeça que, reunida, revela quem eu me tornei.

Entre tios e memórias

Dos meus tios pelo lado materno, convivi de perto apenas com tia Yara, irmã caçula de minha mãe. Entre elas duas havia quase dezoito anos de diferença, e isso fez com que, quando nasci, ela tivesse apenas sete anos. De certo modo, crescemos juntas. Embora minha tia tenha sido praticamente criada por meus pais, quando ela chegou à idade escolar passou a morar conosco durante o período das aulas. No sítio — e mesmo nas redondezas — não havia escola, e assim ela se tornou parte inseparável da nossa rotina familiar.

Essa convivência tão próxima fez dela uma figura essencial na minha formação. Era tia, mas também amiga — quase irmã — alguém que compartilhava conosco o cotidiano e preenchia a casa com sua presença constante.

Os dois outros tios, Eugênio e Lúcio, moravam em Recife. Partiram cedo em busca de novos horizontes.

Minha avó sempre lutou para que eles estudassem e não permanecessem na atividade rural, que ela sabia ser dura e limitada.

Seu esforço deu frutos:

meu tio Eugênio seguiu carreira militar na Polícia Militar de Pernambuco, tio Lúcio, além de atuar como administrador em grandes empresas multinacionais, formou-se em Engenharia Civil.

Quando visitava minha avó Doninha, era como abrir a porta para um mundo de histórias.

A curiosidade me dominava, e, sendo a perguntadeira que sempre fui, cercava minha avó com um turbilhão de dúvidas.

Ela, com aquela serenidade de quem carrega décadas de memórias no peito, respondia a tudo com paciência.

Contava sobre Bonifácio Carneiro, seu bisavô — o homem que ergueu a igreja que mais tarde se tornaria a Catedral. Falava também das viagens de seu pai pela Amazônia,

aventuras que, para meus ouvidos de criança, soavam como relatos vindos de um universo distante.

Havia também as histórias sobre seus irmãos, aqueles que, na partilha das terras herdadas, ficaram conhecidos como “os ausentes”. E tantas outras narrativas — algumas ditas com um brilho de orgulho, outras envoltas em pausas longas, quase doloridas — mas todas vivas, pulsando como se fizessem parte da respiração da casa.

Travessuras e raízes

Eu sempre fui a sombra inquieta do meu irmão mais velho.

Ele avançava pelo mundo com a segurança de quem já conhecia todos os atalhos, e eu o seguia, pequena e fascinada, como quem se deixa puxar por um vento travesso.

Bastava um olhar dele — aquele meio sorriso de quem já tinha um plano — e eu sabia que a próxima traquinada estava prestes a nascer.

Como uma das lembranças de criança, quando tinha um pouco mais de quatro anos, pequena demais para alcançar muita coisa, mas grande o suficiente para seguir meu irmão numa missão que parecia grandiosa: subir a torre da Catedral de Limoeiro do Norte.



Para uma criança, aquilo devia parecer quase uma montanha. A escada íngreme, o cheiro de madeira antiga, a luz entrando pelas frestas... e, no topo, a corda grossa do sino, convidando para a travessura perfeita: os dois puxando-a com toda a força que tinham, o som ecoando pela cidade inteira, como se anunciasse algo importante — quando, na verdade, eram apenas duas crianças celebrando a própria coragem. Deolindo — o sacristão atento, dedicado ao seu ofício — ao ouvir o sino tocar fora de hora, subia apressado a escada íngreme, sem imaginar que encontraria duas crianças lá no alto, muito menos eu, tão pequena, segurando aquela corda pesada com a coragem que só a infância conhece.

O susto dele fazia sentido:

a torre é alta, a escada era estreita, e nós estávamos no limite entre a travessura e o perigo.

Mas o gesto final — ele me erguer nos braços para descer com segurança — o tipo de cena que mistura bronca, alívio e cuidado num só movimento. Ele não apenas interrompeu a travessura; ele nos protegeu, literalmente nos carregando de volta ao chão firme.

Alicerces da minha história

Minha família era bem estruturada. E não me refiro apenas à organização externa, mas a algo mais profundo — uma base sólida erguida sobre rotina, respeito e presença.

Meus pais, Fausto e Francinete, construíram um lar onde cada filho tinha seu lugar, sua importância e seu nome chamado com intenção.

A estrutura vinha, em grande parte, do modo como eles se completavam, mesmo sendo tão diferentes. Meu pai, com sua ternura natural, era o afeto que se oferecia sem esforço.

Minha mãe, com sua firmeza silenciosa, era o eixo que mantinha tudo funcionando. Entre os dois, havia um equilíbrio que, mesmo imperfeito, sustentava a casa inteira.

Nós quatro — Márcio, eu, Marconi e Marilúcia — crescemos dentro dessa arquitetura emocional.

Havia regras.

Havia limites.

Havia trabalho.

Mas, acima de tudo, havia amor — aquele que não se dizia, mas se percebia em cada gesto cotidiano.

Mas havia também histórias antes de dormir, brincadeiras na cozinha, o cheiro da comida no fogão a lenha — e, sobretudo, a certeza de que, apesar das diferenças de temperamento, ninguém estava sozinho.

A estrutura da minha família não era rígida.

Era viva.

Era feita de gestos, de repetições, de pequenas tradições que davam sentido aos dias.

Uma estrutura que não impedia o vento de entrar, mas que permanecia firme quando a vida soprava mais forte.

Algumas figuras marcaram profundamente minha infância e ajudaram a moldar quem me tornei.

Meus pais — o eixo, a referência maior, aqueles que me deram não apenas a vida, mas também direção, cuidado e identidade.

Meu padrinho, o Monsenhor — esse “avô do coração”, cuja presença ocupou um espaço especial na minha infância e

adolescência. Uma figura de sabedoria, acolhimento e constância.

Meus avós maternos, Geninho e Doninha — raízes vivas, carregando tradição, aconchego e um tipo de amor que se expressava em histórias, cheiros e gestos repetidos.

E meus irmãos — companheiros de travessuras, de descobertas, de convivência diária. Cada um com seu jeito, seu lugar e sua marca na minha memória.

Os domingos bordados

Nos domingos, a casa ganhava outro brilho.



Era como se o dia tivesse um cheiro diferente, uma luz mais lenta, um silêncio respeitoso que anunciava que não se tratava de um dia qualquer.

As roupas de domingo eram um capítulo à parte.

Nós, meninas, vestíamos peças especiais, cuidadosamente bordadas pelas mãos habilidosas de minha mãe.

Cada ponto, cada flor desenhada na linha, cada detalhe minucioso parecia carregar um pouco do silêncio dela — um silêncio que, embora contido, era profundamente cheio de dedicação.



Era como se, através da agulha, ela encontrasse uma forma de dizer aquilo que não dizia com palavras.

Meus irmãos, por sua vez, seguiam o padrão da época:

camisas bem passadas, calças alinhadas, aquele ar de “garoto comportado” que as mães faziam questão de cultivar

Havia uma elegância simples, mas cheia de significado, como se o cuidado com a aparência fosse também uma forma de expressar respeito pelo dia.

Vestir-se para o domingo era quase um ritual.

Minha mãe nos preparava com precisão, como quem organiza um pequeno exército de filhos — cada um com sua roupa especial, cada um ocupando o seu lugar naquele dia que reunia igreja, visitas, conversas prolongadas e o almoço que juntava todos ao redor da mesa.

Havia, nisso tudo, uma solenidade discreta.

CAPÍTULO 2

A nova rotina e a minha casa

Eu tinha quase dez anos quando minha rotina mudou de forma definitiva. Passei a estudar na Escola Normal no turno da tarde e deixei de almoçar na casa do padrinho Monsenhor.

Ao mesmo tempo, minha mãe começou a lecionar no Espinho e, com isso, parte das responsabilidades da casa passou para mim.

Não foi uma mudança brusca, mas um movimento natural — como se a vida, aos poucos, estivesse me convidando para um novo papel.

Ela confiava em mim.

Talvez até mais do que eu mesma confiava.

Aos poucos, fui assumindo tarefas que antes pertenciam às mãos adultas:

lavar a louça do café da manhã, varrer a casa, manter tudo em ordem antes da chegada dela.

Em alguns dias, também cozinhava.

Lembro da sensação de estar crescendo sem perceber. Enquanto meus irmãos brincavam ou seguiam suas próprias

rotinas, eu aprendia a medir o tempo pelo barulho das panelas, pelo cheiro do feijão no fogo, pelo brilho do chão depois de varrido. Era como se cada tarefa me ensinasse algo sobre responsabilidade, sobre cuidado, sobre o valor do trabalho silencioso que sustenta uma família.



Não era sacrifício. Era pertencimento. Mesmo sendo apenas uma menina, havia em mim o desejo de corresponder, de ajudar, de fazer parte da engrenagem que mantinha a casa funcionando.

Talvez porque, desde cedo, eu já tivesse aprendido que o amor também se expressa assim: no gesto, no esforço, na presença constante. Naquele tempo, as tarefas domésticas não seguiam um calendário. Não havia dias definidos — havia necessidade. E ela era diária.

Os equipamentos eram poucos. Não se falava em tecnologia — no máximo, em objetos elétricos, e mesmo esses eram usados com cuidado.

A casa funcionava, essencialmente, pela força das mãos.

Tudo tinha um ritmo mais lento, mais humano.

O ferro de passar, pesado, era aquecido no carvão.

O rádio ocupava um lugar central na sala — não era portátil nem silencioso.

A energia elétrica ainda era instável e, muitas vezes, o brilho do lampião substituía a luz.



Quando faltava energia, meu pai surgia com o lampião nas mãos — o famoso Petromax. Para mim, aquele nome

parecia pertencer a um personagem forte e luminoso, capaz de iluminar qualquer escuridão.

Ele alinhava os lampiões sobre a mesa, como se organizasse um pequeno exército. E então vinha o momento de que eu mais gostava: acendê-los.

Aquele gesto simples tinha algo de mágico. Os Petromax não eram apenas objetos. Eram presença.

Eram luz construída pelas mãos. E talvez seja por isso que essa lembrança permaneça tão viva dentro de mim: ela carrega o brilho da chama e o calor do afeto.



A água também não chegava com facilidade. Não havia torneiras como hoje. Era preciso buscá-la — retirada da terra por meio de uma bomba manual ligada a um poço.

Era um trabalho que exigia força e paciência. Cada movimento da alavanca trazia à superfície um pouco da água que sustentava a casa. O som da bomba era constante — quase uma música do cotidiano.

A bomba de repuxo ficava ali, fiel, como um elo entre a casa e a terra. E cada balde cheio era uma pequena vitória do dia.

Cresci vendo esse ritual como parte natural da rotina.

Luzes, rituais e pequenos encantos

A limpeza da casa também tinha seu próprio ritual.

O sabão em barra era dissolvido na água e espalhado cuidadosamente pelo chão de cimento. Depois que secava, vinha a cera de carnaúba, aplicada com paciência até formar uma camada lisa e brilhante.

Por fim, o escovão deslizava de um lado ao outro, como se desse o acabamento àquele gesto de cuidado — deixando um brilho que parecia orgulho.

A energia elétrica da cidade vinha de geradores antigos, que funcionavam apenas entre as seis e as dez da noite. Era pouco tempo, mas o suficiente para transformar completamente o ritmo do dia.

Era nesse intervalo que tudo acontecia.

Íamos à igreja e, depois, caminhávamos pela praça. Eu gostava desses momentos simples:

de mãos dadas com as amigas, andando em círculos, conversando sobre coisas pequenas, enquanto observávamos a fonte luminosa no centro. A água refletia as luzes coloridas como um espetáculo cotidiano, delicado e encantador.

Enquanto isso, meu pai costumava passar um tempo na casa do padrinho Monsenhor, antes de ir me buscar.

Lembro-me, com nitidez, de uma noite em que ele chegou mais cedo — ou talvez eu estivesse mergulhada demais na conversa para perceber sua aproximação. Sentada ao lado de um garoto, não notei sua presença até ver em seu rosto uma expressão mais séria do que o habitual.

Eu tinha por volta de doze anos.

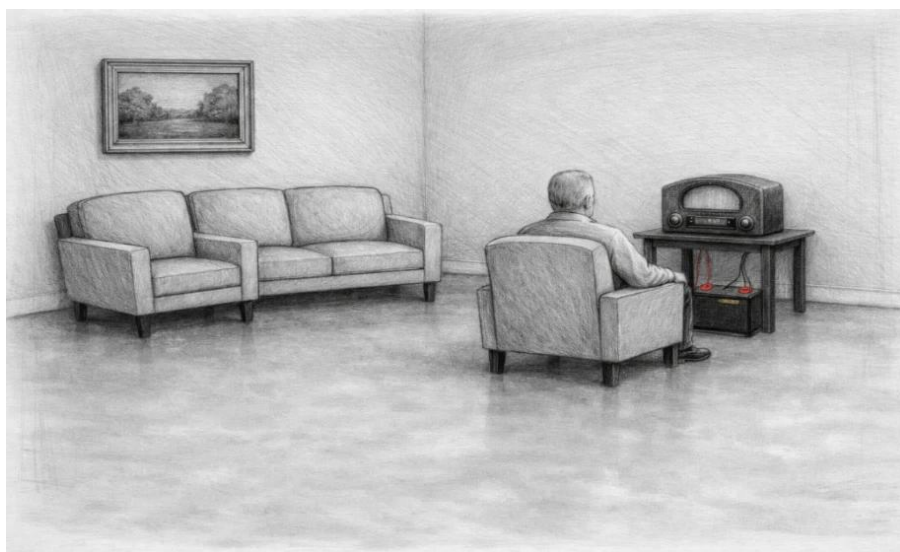
E naquele instante, ainda que simples, nasceu em mim uma percepção nova: a de que eu já não era mais a mesma criança de antes.

Quando o som virava companhia

Naquela época, o rádio era um pequeno tesouro. Funcionava com baterias de carro, que meu pai mantinha sempre carregadas.

Era um cuidado constante, quase ritualístico — como se garantir o funcionamento do rádio fosse também garantir a presença da música em nossas vidas.

À noite, meu avô Geninho — especialmente quando minha avó não estava em Limoeiro — vinha jantar em nossa casa. Depois da refeição, sentava-se em silêncio para ouvir seu programa preferido: *A Hora da Saudade*.



Fora esses momentos, a música preenchia a casa de maneira sutil e contínua. Não era apenas som — era companhia.

Aquelas melodias, vindas de um aparelho simples e sustentadas por uma energia improvisada, criavam uma atmosfera quase mágica — algo que só fui compreender plenamente muitos anos depois.

A televisão e a cidade

A televisão chegaria bem mais tarde. Antes disso, o primeiro aparelho da cidade foi instalado na praça, em um espaço improvisado.

À noite, quando a energia era ligada, as pessoas se reuniam ao redor da tela, fascinadas.



Crianças, adultos, idosos — todos paravam para assistir. Era como presenciar um pequeno milagre. Ali, ao ar livre, a cidade inteira descobria, ao mesmo tempo, um novo jeito de ver o mundo.

Antes de termos casa própria, morávamos de aluguel em uma residência simples, mas espaçosa. A casa era organizada

de forma prática: sala, quartos, cozinha e um pequeno quintal nos fundos. Era ali que a vida acontecia.

O bairro era tranquilo. Bastava caminhar alguns minutos para avistar a Catedral, sempre presente, como um ponto de referência que orientava os caminhos e trazia ao lugar uma sensação constante de serenidade.

Era uma cidade onde o tempo parecia andar devagar.

E talvez fosse justamente por isso que tudo fosse vivido com mais intensidade.

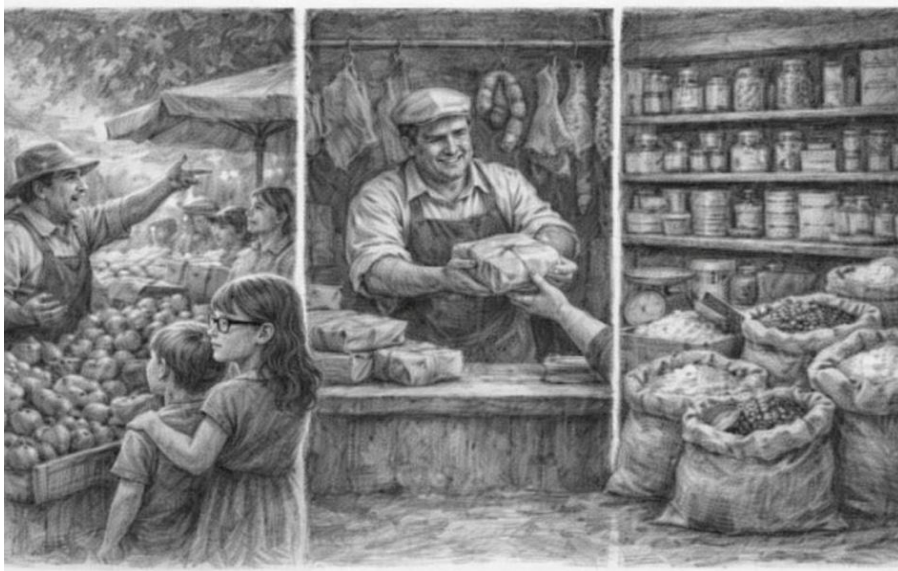
Sabores da terra e gestos de partilha

Naquela época, não havia supermercados na cidade. A vida doméstica se organizava em pequenos trajetos, quase como um mapa afetivo que se repetia dia após dia.

Nossa casa era abastecida de maneira simples, mas cheia de significado.

As frutas e verduras vinham da feira livre — colorida, viva, barulhenta.

Os feirantes anunciavam seus produtos em voz alta, como se chamassem não apenas fregueses, mas a própria vida para dentro das casas. Havia ali uma alegria rústica, um movimento que transformava a necessidade em encontro.



As carnes eram compradas no Açougue Municipal, sempre embrulhadas em papel pardo, ainda mornas do calor do dia.

No armazém de seu Heribaldo, alguns produtos eram retirados diretamente de sacos de juta ou das prateleiras de madeira antiga, num gesto que parecia preservar um tempo mais lento e menos apressado

Seu Heribaldo conhecia cada freguês pelo nome, e cada pedido vinha acompanhado de uma conversa curta, mas sempre acolhedora.

O armazém era mais do que um comércio:

era um ponto de encontro, um pedaço de memória viva onde o passado insistia em permanecer presente.

Eu adorava ir ao Mercado Municipal.



Para mim, era como entrar em um pequeno universo de aromas e cores, onde cada banca parecia guardar um segredo doce.

Caminhava entre elas com curiosidade, escolhendo os meus favoritos: o quebra-queixo, duro e brilhante como um pedaço de sol; as fogosas, que estalavam na boca com um sabor inexplicável; e as roscas de amido e coco, macias e perfumadas, que pareciam se desfazer antes mesmo da primeira mordida.

Em casa, havia também os sabores que reuniam a família.

Quando tinha cabidela em casa

A galinha de cabidela era a refeição especial, preparada com um cuidado quase cerimonial pelas mãos de minha mãe. Não era apenas cozinhar; era um ritual que começava muito antes da panela ir ao fogo.

Ela separava os temperos com a calma de quem conhece cada cheiro de olhos fechados, e cada gesto parecia carregar uma intenção silenciosa de afeto.



O aroma começava a se espalhar pela casa desde cedo, anunciando que aquele não era um dia comum.

Primeiro vinha o cheiro quente do alho dourando, depois o vinagre que subia em ondas, e por fim o perfume forte da galinha, que

tomava conta de tudo — das janelas abertas ao quintal, onde até os vizinhos sabiam que ali se preparava algo especial.

Havia algo de celebração naquele prato. Não apenas pelo sabor forte e marcante, mas pela forma como reunia todos nós ao redor da mesa, como se cada ingrediente carregasse um pedaço da nossa própria história.

Oito de Dezembro: fé e comunidade

O oito de dezembro voltava sempre como um sopro doce na memória, como se Limoeiro do Norte respirasse de maneira diferente naquela data.

As ruas ganhavam movimento ao som dos sinos, e as pessoas se voltavam para a Paróquia com gestos de devoção e partilha. As prendas chegavam carregadas de cuidado: bolos ainda mornos, queijos de coalho e de manteiga, peças bordadas que pareciam guardar noites inteiras de paciência, galinhas, ovelhas e porcos — pequenos e grandes gestos que traziam consigo a marca das mãos de quem os oferecia.

Era um retrato vivo da generosidade de um povo que se reconhecia na fé e na partilha. Um momento em que cada oferta dizia, em silêncio, que ninguém estava sozinho — que a comunidade se sustentava não apenas pelo trabalho, mas pelo vínculo que unia todos em torno de algo maior.



O leilão da Padroeira era mais do que um evento.

A casa do Monsenhor

Mas o que realmente fazia o coração bater mais forte vinha depois, quando o sino já havia se calado e o burburinho do leilão começava a se dissolver no ar quente da manhã.

Era então que algo mais íntimo acontecia.

Uma romaria espontânea se formava, como se todos respondessem a um chamado antigo, silencioso e compartilhado.

Todos, em grupo, rumo à casa do padrinho Monsenhor.

Não era um convite formal, nem um compromisso anunciado — era simplesmente um costume vivido.

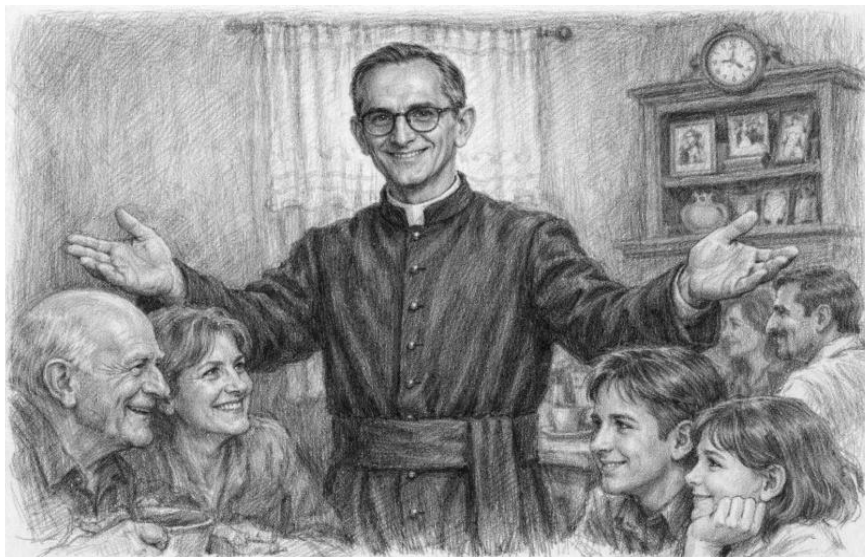
Caminhavam juntos dezenas de pessoas: autoridades, padres, freiras, amigos mais próximos e outros fiéis que, pouco a pouco, se juntavam ao percurso. Não importava o papel de cada um na cidade — ali, todos caminhavam lado a lado, unidos por algo maior do que qualquer distinção.

A casa dele parecia maior naquele dia, como se abrisse os braços para acolher todos.

O aniversário do Monsenhor se entrelaçava com a celebração da padroeira, e o que se vivia ali era mais do que uma comemoração — era um encontro.

O almoço farto tinha o sabor da pertença, da convivência, da infância guardada em pequenos detalhes que o tempo não consegue apagar.

O cheiro da comida escapava pela porta e se espalhava pelo ar, misturado às vozes que se cruzavam, às risadas que ecoavam no quintal, ao calor humano que nenhuma fotografia seria capaz de capturar.



Tudo ali parecia mais simples — e, ao mesmo tempo, mais cheio.

Era um dia que ensinava, sem qualquer palavra, o sentido mais profundo de comunidade: uma mesa partilhada, a fé vivida em conjunto e a certeza silenciosa de que, pelo menos naquele espaço, ninguém caminhava sozinho.

E assim, ano após ano, o oito de dezembro deixou de ser apenas uma data.

Transformou-se em um lugar dentro da memória.

Um canto iluminado onde a infância ainda permanece viva — intacta, acolhida e eternamente presente.

O primeiro gosto de liberdade

Houve um tempo em que as ruas da cidade conheciam a tranquilidade. Eram dias em que o perigo não se escondia em cada esquina, nem se insinuava nas sombras do cotidiano. Nesse tempo, eu pedalava sozinha, despreocupada, dona de mim.

O caminho entre minha casa e a escola não era apenas um trajeto — era um pequeno universo particular, onde eu me sentia livre. A bicicleta que ganhei do padrinho Monsenhor não era apenas um presente.

Era um marco.

Um rito de passagem silencioso. Sobre duas rodas, eu descobria o mundo além dos muros familiares. Cada pedalada era como um carimbo no meu passaporte recém-adquirido para a liberdade.

Mas nem todos viam aquela cena com o mesmo encantamento. Minha tia distante — embora não de sangue —, Joanhina, prima de minha mãe, surgiu certa tarde tomada por indignação.

Chegou à nossa casa como se trouxesse notícias de grande urgência, batendo à porta com uma impaciência quase

alarmante. Assim que entrou, sem sequer se acomodar, disparou: — Francinete, como é que você deixa a Marcise ir para a escola naquela bicicleta?

Sua voz carregava um misto de espanto e reprovação. Antes que minha mãe pudesse responder, ela continuou, exaltada: — Ela passou na frente da minha casa pedalando que nem uma danada... e sozinha!



Para Joanhina, aquela cena beirava o absurdo. Para mim, era apenas o começo de algo muito maior.

Minha mãe, que nunca perdeu a calma por pouca coisa, apenas sorriu daquele jeito que só ela sabia.

Um sorriso manso, cheio de significados, onde cabiam o orgulho silencioso, a confiança firme e um leve traço de

resignação — como quem diz, sem palavras: *essa menina é assim mesmo.*

Ela não respondeu com sermões, nem se apressou em justificar suas escolhas. Não havia necessidade. Deixou que a preocupação de Joaquina pairasse no ar por alguns instantes e, então, se diluísse, leve, como a fumaça dos lampiões que meu pai acendia ao cair da noite, quando os geradores falhavam e a escuridão tomava conta da casa.

Era assim: algumas inquietações simplesmente desapareciam quando não encontravam eco.

E eu, alheia a tudo aquilo, seguia meu caminho. Não fazia ideia das conversas, dos olhares atravessados ou das preocupações que minha pequena ousadia despertava.

Para mim, o mundo era vasto demais para ser atravessado com cautela. Havia urgência em cada descoberta, pressa em cada curva. A bicicleta rangia como se tivesse voz própria, acompanhando o ritmo das minhas pernas inquietas. O vento batia no rosto, bagunçando os cabelos e levando embora qualquer vestígio de medo.

Eu não pensava em perigos.

Não havia esquinas ameaçadoras, nem caminhos proibidos — apenas ruas que se abriam diante de mim como convites. Pedalar não era apenas ir de um ponto a outro. Era afirmar, sem dizer, que o mundo também me pertencia.

E, enquanto eu avançava, rua após rua, abandonava não apenas a casa, mas também os limites que os outros insistiam em enxergar. Sem perceber, eu crescia.

CAPÍTULO 3

Sobre crescer e chegar à vida adulta

Existe uma distância imensa entre crescer naquela época e crescer hoje. Antigamente, a infância parecia se estender devagar, como se o mundo tivesse mais paciência.

As ruas eram tranquilas, os perigos quase inexistentes, e a liberdade de ir e vir fazia parte do cotidiano sem que ninguém se preocupasse demais.

As descobertas vinham aos poucos, no ritmo das conversas de família, das brincadeiras na calçada, dos pequenos rituais que marcavam os dias.

Hoje tudo corre depressa. As crianças crescem cercadas de cuidados, de telas, de urgências que não existiam antes. O mundo ficou mais amplo, mas também mais inquieto.

E, por isso mesmo, a simplicidade daquela época — com seus gestos lentos, suas rotinas previsíveis sua sensação de segurança — permanece guardada como um tesouro dentro da memória.

Com quatro anos de idade, fui colocada para estudar com uma professora particular. O nome dela já se perdeu no tempo, mas lembro que as aulas aconteciam numa sala da casa de Dona Valda, onde o cheiro de café e o murmúrio das crianças se

misturavam como parte natural da rotina. Eu e meus dois irmãos não permanecemos ali por muito tempo.

Um dia, a professora colocou Marconi de castigo e, quando mamãe soube, reagiu com a firmeza que lhe era característica: tirou-nos imediatamente daquela escola, como quem protege os filhos de um ambiente que deixou de ser seguro.

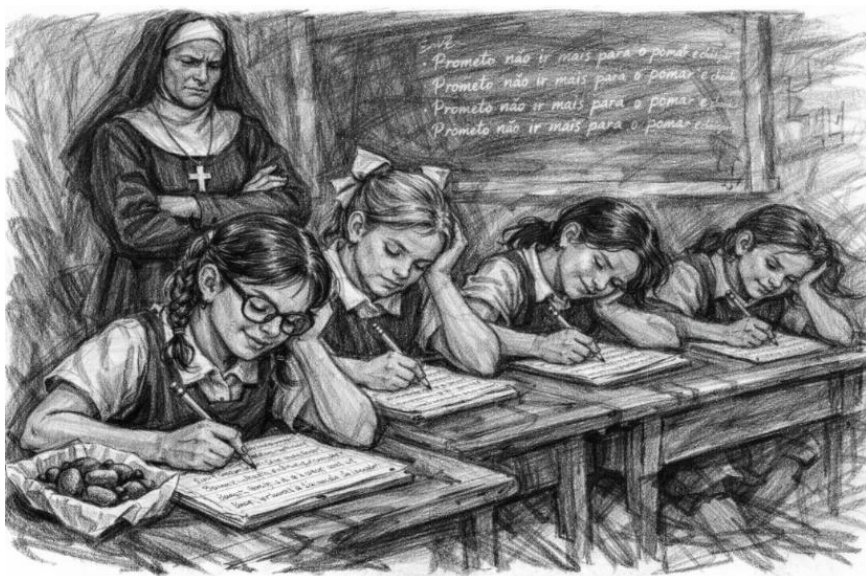
Depois disso, fui matriculada no Patronato Santo Antônio, dirigido pelas irmãs de caridade. Ali estudei no turno da manhã por quase seis anos, entre orações, cadernos bem alinhados e o som das sandálias das freiras ecoando pelos corredores.



Lembro de uma travessura da época em que estudei no Patronato das freiras. No recreio, eu e algumas colegas fomos até o pomar que ficava atrás da quadra. O sinal tocou, anunciando o fim do intervalo, mas continuamos ali, colhendo e comendo tamarindos como se o tempo não nos alcançasse. Quando finalmente voltamos para a sala de aula, a freira mandou cada uma mostrar a língua para ver se estava esbranquiçada.

E não deu outra.

Como castigo, ficamos depois da aula escrevendo no caderno cem vezes a frase: “Prometo não ir mais para o pomar e chegar atrasada à sala de aula.”



No final, minha mão já doía de tanto escrever — mas, ainda assim, a travessura parecia ter valido a pena.

O despertar na Escola Normal

Mais tarde, segui para o curso de admissão da Escola Normal, onde a rotina escolar ganhou novos desafios e responsabilidades. Foi ali que descobri não apenas o prazer de aprender, mas também o valor das primeiras amizades.

Eu estudava no turno da tarde, quando o sol ainda atravessava as janelas da sala entre as 13 e as 17 horas, iluminando cadernos, risos e pequenos segredos compartilhados no intervalo.

Sempre tive facilidade em assimilar os conteúdos, e isso tornava as aulas um território familiar.

Encantava-me especialmente o francês, nas aulas do Dr. Lima Verde, com suas palavras que pareciam dançar, e a História, que me abria portas para mundos que eu jamais imaginara.

Em matemática e português, tudo fluía com naturalidade, como se cada novo conceito encontrasse rapidamente seu lugar dentro de mim.

Aquele período foi o início de uma consciência mais ampla:

a de que aprender podia ser leve,
prazeroso e, acima de tudo, transformador.

A Escola Normal não foi apenas um prédio onde estudei; foi o cenário onde comecei a me reconhecer.

Pela manhã, além das tarefas de casa, dos meus doze aos quinze anos, também auxiliava meu padrinho, o Monsenhor, nas atividades da Paróquia — especialmente na redação dos assentos nos livros de Batismo e de Casamento.

Concluí o curso ginásial em 1965, carregando comigo não apenas o diploma, mas a sensação de ter atravessado, passo a passo, os primeiros caminhos da minha formação.

Deixar Limoeiro em busca do futuro

A adolescência tinha sido generosa comigo. Estudava na Escola Normal, tinha amigas que se tornaram irmãs de alma, e vivia aventuras simples que, hoje, reconheço como tesouros.

As manhãs de sábado em que eu e minha amiga seguíamos de bicicleta por légua e meia de estrada carroçável ainda vivem dentro de mim como um filme em câmera lenta:

o cheiro da terra quente, o som das folhas das carnaubeiras roçando umas nas outras, o vento batendo no rosto, a liberdade correndo solta nas veias.

Durante aqueles três dias de aventuras no sítio, experimentei comidas bem diferentes das que eu estava acostumado a comer em casa. Nunca me esqueci de um tipo de bolo que substituía o pão tradicional nas refeições.



Ele era feito com o milho do mugunzá, cozido apenas em água e sal. Depois, os grãos iam para o pilão de madeira, onde eram socados até virar uma massa bem espessa. Só então eram colocados numa forma e levados ao forno a lenha para assar.

Também havia os banhos no tanque de cimento, que fazia o papel de piscina e garantia a diversão nas tardes quentes.

Voltávamos na segunda-feira, com o sol ainda nascendo, como quem retorna de um pequeno mundo particular onde tudo era possível.

Mas a vida adulta começou a me chamar — primeiro baixinho, depois com mais força. E eu sabia que, para crescer, precisaria partir. Até então, minha vida tinha sido feita de carnaubais, estradas de terra, o Cine Capri, o Patronato Santo

Antônio, as pedaladas longas até o sítio da minha amiga, e aquela sensação de que o mundo era grande, mas ainda cabia dentro das minhas mãos. Deixar Limoeiro não foi apenas mudar de cidade.



Foi atravessar uma fronteira invisível entre a menina que eu tinha sido e a mulher que eu começava a me tornar.

Essa decisão não foi tomada de um dia para o outro. Foi um processo silencioso, quase íntimo, como quem vai se despedindo aos poucos de um lugar que ama.

Meus pais, com a generosidade que sempre tiveram, não colocaram obstáculos. Eles me deram o que poucos pais conseguem dar: liberdade com amor, confiança sem cobrança, apoio sem amarras. Eu sabia que podia ir porque sabia que tinha para onde voltar.

No dia da partida, naquele ônibus, lembro-me de olhar para trás e ver a cidade ficando pequena, como se estivesse encolhendo para caber dentro do meu peito. E coube. Até hoje cabe.

A estrada que se abria diante de mim era desconhecida, mas a percorri com a coragem que só quem já pedalou léguas de carnaubais sabe ter.

O que o tempo não apaga

A vida adulta me esperava com suas exigências, seus desafios, suas descobertas — e eu fui ao encontro dela com o coração cheio de esperança e um pouco de medo, como é natural em toda travessia.

Foi longe de Limoeiro que aprendi a tomar decisões difíceis, a enfrentar o mundo com a força que eu nem sabia que tinha. Foi longe de lá que descobri que a saudade não é um peso, mas um fio que nos mantém ligados ao que fomos.

E foi longe de lá que percebi que, por mais que eu mudasse, a menina que pedalava entre carnaubais continuaria vivendo dentro de mim, guiando meus passos com a leveza de quem nunca esqueceu de onde veio.

A vida adulta me trouxe responsabilidades, escolhas, encontros e desencontros. Trouxe dores que me ensinaram e amores que me fortaleceram.

Trouxe quedas e recomeços. Mas trouxe, acima de tudo, a certeza de que partir foi necessário — não para abandonar minhas raízes, mas para permitir que elas se expandissem.

Com o tempo, percebi que algumas das tradições mais fortes que carrego não estão escritas em livros, nem registradas em fotografias.

Estão guardadas na memória do paladar, no cheiro que sobe da panela, no gesto repetido de quem aprende observando.

As tradições que costumo manter são, sobretudo, as culinárias — essas que passam de geração em geração como um fio invisível que nos liga ao passado.

Foi apenas acompanhando as mulheres da minha vida cozinhare[m] — minha avó Doninha, Baía, e minha madrinha Joa[n]inha — que aprendi a reproduzir, com fidelidade e afeto, os pratos raízes do Ceará e de Limoeiro.

Não houve aulas formais, nem receitas escritas.

Houve olhos atentos, mãos curiosas e um coração disposto a guardar cada detalhe.

Dessas cozinhas nasceram sabores que hoje moram em mim:

a paçoca de carne de sol, socada no pilão com a força e o ritmo que só quem cresceu no Nordeste conhece;

a galinha de cabidela, com seu cheiro marcante e sua presença de comida de festa.

E entre todos os pratos que aprendi apenas observando, há um que carrega, talvez, a alma mais profunda do Nordeste: o baião de dois de arroz e feijão de corda. Simples, robusto, cheio de sabor e história.

Um prato que não precisa de sofisticação para ser grandioso. Bastava o cheiro do feijão de corda cozinhand[o] para anunciar que algo especial estava por vir.

O arroz entrando depois, se misturando ao caldo grosso, formando aquela combinação perfeita que só quem cresceu no Ceará entende de verdade.

O baião de dois não era apenas comida — era reunião, era aconchego, era fartura. Era prato de domingo, de visita, de celebração.

É o tipo de comida que abraça.

E, ao prepará-lo hoje, sinto como se cada colherada me devolvesse um pedaço da minha infância:

o beiju de farinha e o beiju de amido de mandioca, que derretem na boca como lembranças de infância;

o bolo Luiz Felipe, úmido, elegante, quase cerimonial;

e os doces — ah, os doces! — de goiaba, caju, banana, mamão com coco e rapadura, cada um com sua textura, seu perfume, sua história.

Esses sabores são mais do que receitas. São heranças afetivas. São a prova de que a memória não vive apenas na cabeça — vive também no corpo, no paladar, no cheiro que invade a casa e nos transporta para tempos que já não existem, mas que continuam vivos dentro de nós.

Cozinhar esses pratos é, para mim, uma maneira de manter vivas as mulheres que me ensinaram sem precisar de palavras. É como se, a cada paçoca ou doce de caju que preparo, eu pudesse ouvir a voz da minha avó, sentir a presença de Baía e recordar o sorriso de Madrinha Joaninha.

Quando preparo esses pratos, não estou apenas alimentando o corpo. Estou alimentando a memória. Estou honrando minhas raízes. Estou dizendo, em silêncio, que tudo o que vivi continua comigo — inclusive os sabores.

O preço da independência

Sempre deixei claro para meus pais que não queria continuar os estudos em Limoeiro. A cidade ainda não oferecia um colégio com curso científico, e eu já alimentava o desejo firme de prestar vestibular na área de exatas.

Assim, parti para um novo capítulo da minha vida: fui morar no pensionato de dona Zenaide, que acolhia jovens vindas do interior e de outros estados. Minhas companheiras vinham de lugares distantes — Amazônia, Maranhão, Piauí — e cada uma trazia consigo histórias, sotaques e sonhos que se misturavam aos meus.

Estudei no Colégio Justiniano de Serpa, que ficava a apenas cinquenta metros do pensionato. A proximidade facilitava a rotina, mas não diminuía a sensação de estar vivendo algo grande, maior do que tudo o que eu conhecia até então.

No final do ano, voltei para Limoeiro para passar as férias, mas não por muito tempo. Íris, prima de mamãe, ofereceu-me sua casa para que eu pudesse morar com ela enquanto cursava o 2º ano científico. Aceitei e, mais uma vez, vi-me afastando de casa, seguindo o caminho que eu mesma havia escolhido.

Depois do segundo científico, meu destino foi Recife, onde parte da minha família vivia — tios, avós, primos. Passei a morar na casa de tio Eugênio, estudar no Colégio Estadual do Recife (CER) e frequentar o cursinho da Escola de Engenharia. Tornei-me amiga de Marinalva, esposa dele, e até hoje agradeço por tudo o que ela me proporcionou.

Meu tio acabou se sentindo preterido ao perceber a nossa cumplicidade — cheguei a ocultar dele uma transação feita por ela, na qual assinei como testemunha. E, se fosse hoje, manteria firme a mesma decisão.

Quase no final do ano, tivemos uma discussão violenta e ele pediu que eu não ficasse mais em sua casa. A mudança para a casa do outro tio foi cruel. Não por causa de sua esposa, Luzinete — uma pessoa dócil —, mas por causa dele, cujas atitudes muito me magoaram e me fizeram deixar aquela casa. Não suportei ficar ali.

A atmosfera era pesada, o acolhimento inexistente, e eu sabia que precisava me proteger. Não apenas pela brusquidão da situação, mas pela sensação de rejeição que me acompanhou como uma sombra.

Era como se, de repente, eu tivesse perdido o chão. Aquilo me feriu profundamente. Doeu de um jeito que só as dores inesperadas doem — aquelas que vêm de quem menos esperamos.

Fui acolhida por cerca de dois meses na casa de Marília, irmã de Marinalva. Aquele período foi um respiro, um intervalo necessário entre o que eu estava abandonando e o que ainda iria construir. Sou profundamente grata a ela e a Carlinhos Fiquene, seu marido, por todo o carinho e generosidade.

No final de 1968, inscrevi-me para o vestibular de Engenharia Química, tendo Física como segunda opção. Eu sabia que estava avançando, passo a passo, rumo ao futuro que desejava construir.

A Casa da Estudante de Filosofia

E foi justamente essa travessia que me levou ao meu próximo destino: a Casa da Estudante de Filosofia, situada na Rua do Príncipe e dirigida pela minha conterrânea, a psicóloga Iracema. Um lugar que, à primeira vista, parecia apenas um alojamento, mas que se tornaria um marco na minha vida. A maioria das minhas colegas estudava na Universidade Católica. Apenas cinco, entre quarenta, pertenciam à Universidade Federal de Pernambuco — e eu era uma delas.

Ali, entre mulheres jovens, cheias de sonhos, medos e expectativas, encontrei um novo tipo de pertencimento. Um lar que não era meu, mas que me acolheu.



Uma rotina que não era fácil, mas que me fortaleceu. Uma convivência que me ensinou sobre diversidade, convivência, autonomia e resistência.

A Casa da Estudante de Filosofia foi, para mim, muito mais que abrigo. Foi um sopro de renascimento — um chão que, ao mesmo tempo, me sustentava e me lançava adiante.

Entre aquelas paredes, descobri que até a dor tem o dom de nos erguer, como quem recolhe cacos e os transforma em luz. Aprendi que a independência, muitas vezes, brota daquilo que nos fere.

E que, quando a vida nos desalinha de um lugar, é porque outro já se abre, silencioso, à espera do nosso passo.

Recife e a Universidade Federal de Pernambuco

Quando fui admitida no curso de Física — então instalado provisoriamente no quarto andar do Prédio de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco — tive a nítida impressão de ingressar em um espaço reservado a poucos e, no caso das mulheres, a pouquíssimas.

No primeiro ano, éramos apenas cinco, em meio a uma sala predominantemente masculina, cujas vozes pareciam ocupar aquele ambiente como se lhes pertencesse desde sempre.

Dona Maria Eugênia, professora de Cálculo I, era um alívio. Tinha a doçura de quem ensina sem erguer muros, de quem acredita que o conhecimento deve acolher antes de desafiar.

O professor Sidrak Holanda também carregava essa humanidade tranquila, capaz de fazer o aluno respirar fundo e pensar: eu consigo.

Mas havia o professor Humberto. Ele ensinava Geometria Analítica — e parecia decidido a transformar a disciplina em um campo de batalha pessoal. Tudo começou quando me recusei a participar de visitas filantrópicas a hospitais. Ele disse que eu era

orgulhosa. Eu sabia que não era orgulho; era apenas a defesa silenciosa da minha autonomia.

A partir dali, ele passou a reconhecer minha letra nas provas. E, mesmo quando eu acertava, mesmo quando o resultado era bom, a nota nunca ultrapassava quatro. Era como se cada número escrito por ele carregasse a sentença: você precisa ser dobrada.

Fui para a prova final. Repeti a cadeira. E a sombra do jubramento pairou sobre mim como um aviso cruel: um tropeço a mais e tudo estaria perdido.

No segundo ano, ainda com ele, algo mudou. Talvez tenha sido a evidência incontornável do meu esforço, talvez a persistência que ele não conseguiu quebrar. O fato é que, dessa vez, ele me deu a nota suficiente. Não como um presente, mas como uma rendição silenciosa.

Continuei no curso. Não por benevolência dele, mas pela força que descobri em mim mesma — uma força que, até então, eu não sabia que tinha.

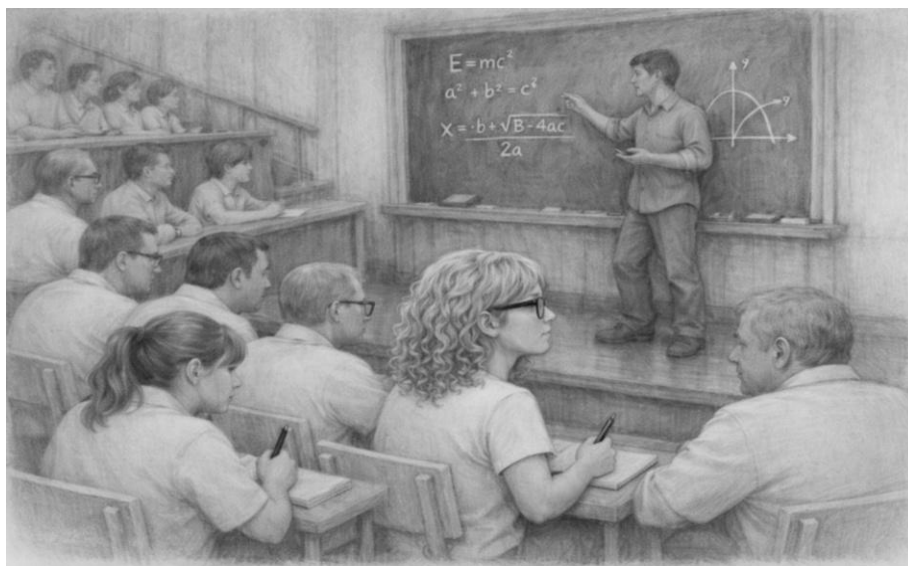
No terceiro ano, o curso de Física parecia encolher diante dos nossos olhos. Restávamos apenas trinta e três alunos — um punhado de sobreviventes de uma jornada que exigia mais do que fórmulas e cálculos.

Foi nesse cenário rarefeito que chegaram, vindos dos Estados Unidos, três professores recém-saídos do mestrado.

Trouxeram consigo um entusiasmo estrangeiro e um método de ensino que, para nós, soava quase revolucionário.

Nada de aulas expositivas. Nada de quadro cheio de demonstrações para copiarmos. Eles nos entregavam, toda semana, uma lista de questões — longas, densas, desafiadoras — e esperavam que nos virássemos sozinhos.

Era como se tivéssemos sido lançados ao mar sem bóia, obrigados a aprender a nadar antes que a água fechasse sobre nossas cabeças.



Nunca estudamos tanto quanto naquele período.

A turma inteira se reunia, noite após noite, no anfiteatro da Escola de Engenharia, empenhada em decifrar problemas que pareciam escritos em outra língua. Contudo, apesar do

esforço coletivo, nossas notas permaneciam baixas. Dois meses consecutivos de fracassos. Dois meses de angústia.

Foi então que decidi procurar Dr. Rômulo Maciel, o diretor do curso. Entrei em sua sala com a coragem de quem já não tem muito a perder. Expliquei a situação, o desespero da turma, o risco real de que o curso simplesmente se desfizesse diante de nós.

Ele me ouviu em silêncio, pensativo, e então fez uma proposta inesperada: se eu conseguisse uma lista com mais de seis alunos interessados, ele criaria o curso de Licenciatura em Física.

Saí dali com uma missão. E, talvez movidos pelo cansaço, talvez pela esperança de um caminho mais possível, vinte e nove colegas assinaram a lista.

Era quase toda a turma.

Assim nasceu o curso de Licenciatura em Física — não por planejamento institucional, mas pela força de uma necessidade coletiva e pela iniciativa de quem se recusava a ver o sonho morrer. Conseguimos concluir a Licenciatura. Já o Bacharelado, esvaziado, precisou importar dois alunos da Universidade Católica para continuar existindo.

Tempo duro, mas também um tempo de reinvenção. E, no meio do caos, descobrimos que, às vezes, é o próprio aluno quem precisa salvar o curso.

Ainda na universidade, quando eu mal começava a compreender a vastidão da Física, fui convidada a ensinar no antigo Colégio Estadual Pinto Júnior.

Era estranho, quase simbólico: enquanto eu ainda aprendia a decifrar o mundo pelas equações, já me pediam que ajudasse outros a enxergá-lo por esse mesmo prisma.

No ano seguinte, fui transferida para o Colégio Soares Dutra, onde permaneci por dois anos, exercendo o magistério com a mistura de responsabilidade e encantamento que só a juventude permite.

O apartamento da Sete de Setembro

Depois de mais de um ano morando na Casa da Estudante de Filosofia, eu e três amigas resolvemos dar um passo além: alugar um apartamento e montar nosso próprio lar. Era um pequeno espaço, mas cheio de planos e risadas.

As despesas eram divididas por quatro, e como todas estudávamos, contratamos a Lourdes — uma mulher gentil e eficiente — para cuidar das tarefas domésticas e preparar nossas refeições.

Os primeiros meses foram de pura harmonia. O cheiro do café da manhã preparado por Lourdes misturava-se às conversas apressadas antes das aulas. À noite, o apartamento se enchia de histórias, músicas e sonhos.

Com o tempo, a vida foi tomando novos rumos. Duas das companheiras decidiram morar sozinhas, e o apartamento ganhou novas moradoras: Patrícia e Sonia, colegas da Casa da Estudante. A rotina mudou, mas o espírito de amizade permaneceu.

Foram três anos de convivência leve, de cumplicidade e aprendizado — um verdadeiro lar compartilhado.

No último ano, o grupo começou a se desfazer:

Lúcia mudou-se para viver com o companheiro;

Sônia se casou;

e eu também me casei em abril, passando a morar na casa de meus sogros, na cidade de Olinda;

até Lourdes encontrou o amor e se casou naquele mesmo ano.

O apartamento, antes cheio de vozes e risadas, ficou mais silencioso. Patrícia permaneceu ali, agora acompanhada da irmã Vitória, que havia ingressado no curso de Nutrição na Universidade Federal de Pernambuco.

Aquele ciclo se encerrava, mas as lembranças — os jantares, as conversas, os planos — continuaram vivas, guardadas como um retrato de juventude e amizade que o tempo jamais apagará.

Desde que deixei Limoeiro para dar continuidade à minha formação acadêmica, foram poucas as ocasiões em que retornei àquela cidade que preservava minha infância como um livro encerrado.

As férias, que poderiam ter proporcionado um reencontro com esse passado, eram sistematicamente preenchidas pelos cursos do CECINE, da UFPE.

Assim, mesmo distante, me via em permanente movimento, avançando de forma contínua, sem permitir que a vida se estabilizasse.

Limoeiro ficou como uma lembrança quieta, um lugar que eu carregava mais na memória do que nos passos.

Enquanto isso, o CECINE se tornou quase uma segunda casa — um espaço onde eu me reinventava a cada verão, onde o estudo não era obrigação, mas escolha, quase um refúgio.

Ali, entre laboratórios, livros e colegas de todas as partes, eu sentia que o mundo se abria um pouco mais.

E assim, entre idas e vindas, cursos e mudanças, fui me afastando da cidade onde tudo começou, sem nunca a deixar completamente.

Porque certas raízes não precisam de presença física para continuar vivas.

Explorando outros caminhos

Em dezembro de 1972, conclui a Licenciatura em Física. A cerimônia mal havia terminado quando já me preparava para uma nova travessia:

mudei-me para Natal, no Rio Grande do Norte;

pedi demissão da Secretaria de Educação de Pernambuco e deixei a sala de aula após mais de três anos de atuação.

Havia em mim uma inquietação inédita, um impulso de explorar outros caminhos.

Foi nesse contexto que decidi ingressar no campo da Informática — então ainda emergente, repleto de promessas e incertezas.

Mergulhei no universo da programação e passei um período trabalhando com Cobol, uma linguagem que, à sua maneira, também exigia lógica, precisão e paciência — qualidades que a formação em Física já havia consolidado em mim.

De volta a residir no Ceará, ambos novamente como estudantes, iniciei um estágio no Centro de Informática da Universidade Federal do Ceará.

Quando ele concluiu o mestrado, retornamos novamente a Natal.

Dois anos depois, ele recebeu um convite para integrar o corpo docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco..

Foi nesse contexto que, com dois filhos pequenos e uma existência marcada por sucessivos deslocamentos, estabelecemo-nos em Olinda, onde residiam meus sogros.

A cidade, com suas ladeiras seculares e o movimento incessante do mar, configurou-se como o cenário de uma nova etapa — mais densa em responsabilidades, mais madura em suas exigências e acompanhada de uma consciência progressivamente mais aguda acerca das escolhas que vinham estruturando nosso percurso formativo e pessoal.

Desta vez, com o retorno a Olinda, a vida parecia enfim adquirir um ritmo próprio; ainda assim, nunca fui inclinada à imobilidade.

Retomei prontamente os estudos no Núcleo de Informática da Universidade Católica — o NIC — onde me dediquei, ao longo de quatro anos, a um campo que, embora eminentemente técnico, revelava-se singularmente instigante.

Era como aprender a dialogar com máquinas, decifrar lógicas invisíveis e construir pequenas arquiteturas de pensamento.

Ao concluir o curso, passei a trabalhar por conta própria, principalmente na avaliação de projetos.

Era um trabalho que exigia precisão, mas também sensibilidade para enxergar o que poderia dar certo, o que precisava ser ajustado, o que tinha futuro.

De certa forma, era uma continuação natural da minha trajetória: sempre analisando, sempre buscando compreender a estrutura das coisas.

Entre Paris e Grenoble

Em 1996, a vida nos levou ainda mais longe. Passamos um ano em Paris, enquanto meu marido realizava o pós-doutorado.

A cidade, com sua elegância antiga e seu ritmo próprio, parecia um cenário quase irreal.

Para mim, foi um tempo de observação e silêncio.

Um tempo de absorver o mundo com outros olhos.

Paris tem esse poder.

Ela nos desloca.

Nos amplia.

Nos faz perceber que a vida pode conter muitas vidas dentro de uma só.

Ao chegarmos, estabelecemo-nos na Cité Universitaire, na Maison du Brésil, onde permanecemos durante os primeiros meses.



Havia algo de simbólico naquele espaço — um ponto de encontro entre culturas, histórias e trajetórias.

Mas o edifício atravessava um período de dificuldades, e acabou sendo interditado para reformas.

Diante disso, fomos levados a um novo movimento.

Mudamo-nos para um apartamento nas proximidades da Place d'Italie, perto do Boulevard Arago, onde meu marido trabalhava no desenvolvimento de seu pós-doutorado.

Nesse tempo, também iniciei meus estudos de francês em uma escola da Marie, voltada ao ensino da língua para estrangeiros.

Era mais um aprendizado.

Mais uma forma de me inserir naquele universo que, a cada dia, se tornava mais familiar.

A CAPES havia concedido a ele uma bolsa prevista para dois anos.

Mas, ao concluir o relatório exigido antes do prazo, decidiu retornar ao Brasil.

Recebi essa notícia com um certo pesar.

Paris havia se tornado um lugar especial para mim.

Precisei interromper o curso de francês ainda no terceiro módulo — um ciclo que senti não ter encerrado completamente.

Anos depois, em 2008, a vida nos levou novamente à França.

Dessa vez, para a cidade de Grenoble.

Ele realizava seu segundo pós-doutorado, na Universidade Pierre Mendès - France.

Era um ambiente acadêmico consolidado, com grande relevância na região, que mais tarde se integraria à atual Universidade Grenoble Alpes.

Passamos a morar em um pequeno estúdio na Résidence Étudiante Les Estudines Europole.

Um espaço simples, mas suficiente.

Cerca de vinte metros quadrados.

Tudo cuidadosamente organizado para atender à vida de um casal.



A localização era privilegiada.

A poucos passos da estação SNCF e dos bondes.

Próxima ao comércio, aos movimentos da cidade, à vida que acontecia ao redor.

Grenoble, cercada pelos Alpes, revelava outra face da França.

Mais silenciosa.

Mais contida.

Mas igualmente rica.

Nos finais de semana, íamos para Vercors.

As montanhas, a neve, as estações de esqui...

Ali, o tempo parecia assumir outro ritmo.

Mais lento.

Mais contemplativo.



CAPÍTULO 4

Entre escolhas e recomeços

Meus pais raramente interferiam nos meus namoros.

Sempre me deram uma liberdade silenciosa — daquelas que nascem da confiança. Era como se acreditassem mais no meu próprio senso do que em qualquer regra.

Mas houve uma exceção.

Durante um período em que estive de férias, comecei a namorar um médico bem mais velho do que eu. Ele já havia passado por outros noivados, todos encerrados de forma abrupta, quase inexplicável.

Havia nele algo inquieto, indefinido — uma instabilidade que, na época, eu ainda não sabia interpretar.

Meu pai percebeu.

Talvez tenha enxergado o que eu ainda não via. Talvez tenha sentido o peso da diferença de idade. Ou talvez tenha sido apenas o instinto cuidadoso de um pai.

O fato é que ele aproveitou a oportunidade para me incentivar a estudar em Recife.

E, de certa forma, tudo se encaixou.

Eu já desejava ir.

Já sonhava com a universidade, com a independência, com aquilo que eu ainda nem sabia nomear.

Ao mesmo tempo, aquela decisão me afastava de um relacionamento que, muito provavelmente, não teria futuro.

Assim, entre malas e expectativas, deixei Fortaleza.

Tive alguns namorados ao longo da juventude — relações leves, afetos que vinham e iam, sem deixar marcas profundas.

Até que, em 1968, algo mudou.

Foi nesse ano que conheci o jovem que, sem que eu soubesse naquele momento, se tornaria meu marido.

Nosso encontro foi simples — sem grandiosidade.

Aconteceu em uma parada de ônibus, em frente ao Hospital Getúlio Vargas, no bairro do Cordeiro.

Não houve impacto imediato.

Mas houve algo raro: reconhecimento.

O tempo seguiu, como sempre faz.

À noite, lecionava no Colégio Almirante Soares Dutra. Tentava equilibrar a responsabilidade de professora com a leveza de quem ainda era estudante.

Durante o dia, mergulhava nos estudos. Trabalhos, provas, exigências acadêmicas — tudo parecia pedir mais de mim ao mesmo tempo.

E, em abril de 1972, quatro anos depois daquele primeiro encontro, nos casamos.

No último ano da minha Licenciatura em Física, vivia um período de intensa transição.

Como se a vida tivesse decidido acelerar abruptamente o ritmo, foi nesse contexto que me casei.

Um relacionamento não nasce pronto.

Ele se constrói nos pequenos gestos, nas escolhas repetidas, na disposição diária de permanecer.

Foi um começo.

Silencioso e decisivo ao mesmo tempo.

Mas o dia do meu casamento também carrega uma memória difícil.

Uma dor guardada.

O casamento coletivo, por si só, já diluía um pouco da individualidade do momento.

Mas o que mais me marcou foi o atraso.

A ausência.

E, sobretudo, o gesto que veio depois.

Ele saiu antes, deixando que sua mãe me levasse.

Naquele instante, senti — sem precisar de palavras — que eu não era prioridade.

E isso doeu.

Não foi apenas um contratempo.

Foi uma ruptura silenciosa de expectativa.

Um pequeno vazio em um dia que deveria ter sido pleno.

Esse episódio do dia do meu casamento ficou guardado apenas na memória, e não nas fotografias que nunca foram tiradas. Hoje, quando penso naquele dia, já não o enxergo só como dor, mas como um aprendizado que ficou.

Ele me revela algo essencial: eu sempre mereci mais cuidado, presença e consideração.

A vida, no entanto, seguiu.

Construí minha história.

Fui esposa, mãe, avó.

Vivi experiências profundas, alegrias intensas, conquistas importantes.

Mas algumas memórias não desaparecem.

Elas apenas se acomodam.

Forte.

Sensível.

Inteira.

Ainda lembro da caminhada até a solenidade de formatura.

O coração dividido entre o orgulho da conquista e a percepção de que tudo estava mudando.

E estava.

Logo após a formatura, fizemos as malas. Meu marido já trabalhava na EMATER-RN, e Natal nos aguardava como um novo começo.

A viagem tinha o peso simbólico de um rito de passagem.

Eu abandonava não apenas uma cidade, mas uma fase inteira da minha vida.

Eu era, naquele momento, muitas coisas ao mesmo tempo:

recém-formada, recém-casada, recém-deslocada.

Era como recomeçar do zero — com tudo ainda em construção.

Em janeiro de 1973, veio a notícia da minha primeira gravidez.

Foi uma surpresa intensa — ao mesmo tempo doce e transformadora.

Minha vida tomava um novo rumo.

A gestação não foi simples.

Mesmo enfrentando enjoos e cansaço, iniciei um curso técnico em computação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ali, um novo universo se abriu.



Máquinas grandes, cartões perfurados, lógica, códigos.

Era um mundo completamente diferente — e fascinante.

Enquanto meu corpo se preparava para gerar uma nova vida, minha mente descobria uma nova direção.

Era como nascer novamente — por dentro.

Novos começos

Recebi o diploma pouco antes do nascimento do meu filho.

Duas conquistas chegaram quase juntas.

Uma de vida. Outra de construção pessoal.

Uma, de carne e alma. A outra, de esforço e curiosidade.

Encantei-me pela área de computação de um jeito que nem eu mesma esperava.

Era como se, naquele emaranhado de números e comandos, eu tivesse encontrado uma nova forma de me expressar — uma nova maneira de compreender o mundo.



E, desde então, nunca mais deixei de buscar.

Cursos, livros, novidades — tudo que pudesse alimentar aquela chama que nasceu junto com meu filho.

No início de 1974, a vida voltou a nos colocar em movimento.

Mais uma vez fizemos as malas — dessa vez rumo a Fortaleza.

Meu marido havia sido selecionado para o Mestrado em Administração Rural da Universidade Federal do Ceará, e aquela conquista abriu diante de nós um novo caminho, cheio de expectativas e incertezas.

Fortaleza nos acolheu com seu vento quente e suas tardes douradas.

Enquanto ele mergulhava nos estudos, eu me ajustava à nova rotina.

Foram anos de crescimento silencioso.

De amadurecimento.

De pequenas descobertas que só se revelam quando olhamos para trás.

No final de 1977, retornamos a Natal — como se a vida tivesse decidido fechar um ciclo para, logo em seguida, abrir outro.

E abriu.

Em 1978, nasceu minha filha.

E, com ela, mais uma transformação.

A maternidade ampliava tudo:

a sensibilidade, a responsabilidade, a profundidade das escolhas.

Era, mais uma vez, a vida se renovando — dentro e fora de mim.



O tempo das transformações

Poucos meses após o nascimento de Milena, e com Marcelo prestes a completar sete anos, mais uma mudança nos esperava:

voltamos para Olinda.

Caminhando pelas ladeiras, com minha filha nos braços e meu filho ao meu lado, percebi que aquele momento — aparentemente comum — carregava algo maior.



Era mais um marco silencioso.

Mais uma transição.

Mais uma página sendo escrita.

Os anos foram passando com uma suavidade que não anuncia suas próprias mudanças.

Meus filhos cresciam — cada um encontrando seu próprio ritmo, seus próprios caminhos.

A casa, antes cheia de brinquedos espalhados e cadernos de escola, foi ganhando um silêncio diferente.

Não um silêncio vazio, mas maduro — como se a vida estivesse, aos poucos, aprendendo a respirar mais devagar.

O mundo ao redor também se transformava.

A tecnologia avançava.

As ideias circulavam com mais rapidez.

As famílias mudavam.

E eu, no meio de tudo isso, tentava equilibrar tradição e novidade, lembrança e futuro.

Não foi perfeito.

Mas foi verdadeiro.

E, ao olhar para trás, percebo que cada escolha, cada conversa, cada liberdade concedida foi, à sua maneira, uma forma de amar.

Se eu tivesse de deixar um único conselho sobre a criação dos filhos, diria que educar é ensinar limites com amor.

Não existe fórmula.

Não existe manual.

Não existe caminho único.

O que existe é o cuidado de todos os dias.

O olhar atento.

E a coragem de dizer “não” quando necessário — mesmo quando o coração gostaria de dizer o contrário.

Educar é ensinar a caminhar sem segurar a mão o tempo inteiro.

É permitir pequenas quedas para evitar tombos maiores.

É mostrar que, embora o mundo seja vasto, a família continua sendo um porto seguro.

E, acima de tudo, educar é lembrar que os filhos não nos pertencem.

Nosso papel é guiá-los até que possam seguir sozinhos — levando consigo aquilo que aprenderam conosco:

o que fazer, e, sobretudo, o que escolher não repetir.

CAPÍTULO 5

Caminhos pelo mundo

Sempre amei viajar.

Ao longo da vida, fiz muitas viagens — algumas internacionais, outras pelo Brasil — e cada uma delas deixou marcas que continuam vivas dentro de mim.

Viajar nunca foi apenas deslocamento:

foi descoberta, abertura, transformação.

Há algo de especial na sensação de caminhar por uma cidade desconhecida, no próprio ritmo, permitindo-se observar, absorver, sentir.

Paris, em especial, tornou-se um lugar afetivo na minha trajetória.

Caminhar por suas ruas — às vezes sozinha, às vezes acompanhada da minha mãe — era uma experiência que misturava liberdade, contemplação e encantamento.

Viajar tem esse poder:

amplia o olhar,

renova o espírito,

e nos transforma — mesmo que de maneira silenciosa.



Em 1978, quando meu marido — já mestre em Administração Rural — recebeu o convite para integrar o corpo docente do recém-criado mestrado do CMARCR, na UFRPE, senti que mais uma porta se abria diante de nós.

Voltamos para Pernambuco com a mala cheia de expectativas e aquela sensação de retorno que, ao mesmo tempo, é também recomeço. Ele se dedicou ao trabalho com entusiasmo, como quem finalmente encontra o lugar certo para crescer.

Ao seu lado, fui conhecendo um novo universo:

o das viagens, das missões, dos congressos, e das conversas que atravessavam fronteiras.

A partir dali, passei a acompanhá-lo como quem acompanha um rio que se alarga.

E assim seguimos, entre malas, mapas e sonhos, construindo uma história que não cabia apenas em datas e títulos, mas naquilo que vivíamos a cada nova partida e chegada.

Minhas memórias ganharam outro sabor.

É como se cada viagem tivesse deixado em mim um fragmento de mundo — ajudando a formar a pessoa que sou hoje:

curiosa, aberta, cheia de histórias para contar.

Transfiro, mesmo sem perceber, para meus netos e netas.

Porque viajar não é apenas conhecer lugares.

É ampliar o que somos.

A música dentro de mim

A música sempre esteve presente na minha vida, mesmo quando não ocupava o centro da cena.

Ela acompanhava meus dias de forma discreta — como um pano de fundo constante, preenchendo os espaços entre uma lembrança e outra.

Entre todos os estilos, a música clássica encontrou um lugar especial dentro de mim.

Ouvir compositores como Liszt, Beethoven, Bach e Chopin é, para mim, como abrir portas internas.

Cada um desperta uma sensação diferente — como se suas obras fossem caminhos que conduzem a distintas partes da alma.

Bach, com sua estrutura precisa, quase arquitetônica, traz organização e serenidade.

Beethoven carrega uma intensidade que mistura força e luz.

Liszt, com sua expressividade, toca diretamente a sensibilidade.

E Chopin...

Chopin é delicadeza, intimidade, emoção sutil.

Quando escuto essas músicas, tenho a sensação de que o tempo desacelera.

As preocupações se afastam.

E surge um espaço silencioso onde posso simplesmente estar.

Além da música clássica, a música francesa também ocupa um lugar especial na minha memória afetiva.

Há algo na sonoridade da língua, na maneira como as palavras se encaixam na melodia, que sempre me encantou.

Escutava canções enquanto estudava, trabalhava ou apenas deixava o dia seguir.

Lembro-me de um presente que marcou essa relação.

Um LP que uma colega do cursinho recebeu da mãe, trazido da França após um período de estudos.

Entre as músicas, estava *“Ne me quitte pas”*, de Jacques Brel.

Aquilo me tocou profundamente.

Não era apenas uma canção.

Era emoção transformada em voz.

Jacques Brel não apenas cantava — ele revelava algo íntimo, quase cru, convertendo sentimento em presença.

Até hoje canto essa música em francês.



E isso diz muito sobre o lugar que ela ocupa dentro de mim.

Não é apenas memória.

É permanência.

A música, ao longo da vida, foi mais do que companhia.

Foi identidade.

Enquanto tantas coisas mudaram:

a rotina, as cidades,

as fases da vida — ela permaneceu como um fio invisível que me conecta a diferentes momentos da minha existência.

Ouvir certas músicas é reencontrar versões antigas de mim mesma...

sem deixar de ser quem sou hoje.

O cinema como refúgio

O cinema sempre teve um lugar especial na minha vida.

Desde cedo, descobri que uma boa história projetada na tela pode transformar um dia comum em algo memorável.

Minhas escolhas, no entanto, sempre seguiram um caminho muito próprio.

Nunca me atraíram filmes violentos ou histórias baseadas no medo.

Minha sensibilidade buscava outro tipo de emoção — aquela que acolhe, que emociona, que ilumina.

E, entre todos os filmes, *A Noviça Rebelde* ocupa um lugar único.

Assisti inúmeras vezes — e, ainda assim, cada nova exibição parece um reencontro.

As músicas, as paisagens, a delicadeza da narrativa...

tudo me envolve novamente, como se eu fizesse parte daquela história.

Há algo de profundamente acolhedor naquele filme.

Algo que traz leveza, mesmo nos momentos mais delicados.

Também me encantam as comédias que despertam o riso de forma natural.

Os romances que nos lembram da possibilidade do amor.

As histórias que deixam o coração mais leve ao final.

Para mim, o cinema sempre foi isso:

um refúgio.

Um espaço onde a vida pode ser sentida com mais suavidade. Um lugar onde, mesmo que por algumas horas, podemos repousar das durezas do mundo e nos reconectar com aquilo que há de mais humano em nós.



Fins de semana em Recife

Os finais de semana foram mudando de forma — acompanhando as fases que vivi.

Mas há um período que guardo com especial carinho: minha juventude em Recife.

As noites de sábado tinham um encanto próprio.

Eu me preparava sem pressa, com uma expectativa tranquila, quase silenciosa.

As tertúlias do Clube Português e da Universidade Católica eram momentos únicos — encontros que reuniam música, conversa e descobertas.

Havia leveza nessas noites.

Um tempo de experimentar, de observar, de viver sem grandes preocupações.

Era como se tudo acontecesse com naturalidade, sem pressa, sem peso.

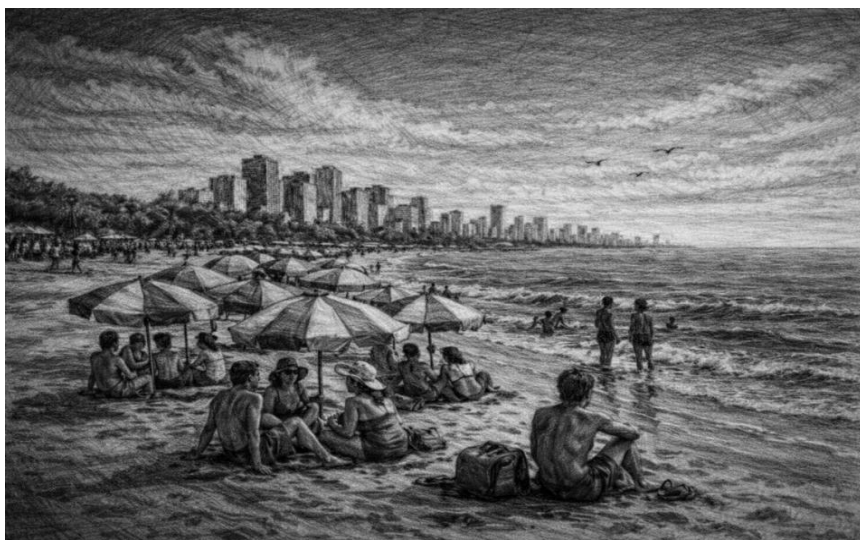
Os domingos seguiam outro ritmo.

Pela manhã, eu e minhas amigas íamos à praia de Boa Viagem.

O mar era presença constante.

Mais do que um lugar, era um espaço de encontro, de liberdade, de partilha.

Ficávamos ali, entre conversas, risadas e confidências, deixando o tempo passar sem urgência.



Havia uma sensação quase imperceptível — mas profunda — de que o tempo estava a nosso favor.

E talvez estivesse mesmo.

Porque aqueles instantes, simples à primeira vista, tornaram-se, com o passar dos anos, lembranças preciosas.

Fragmentos de felicidade que continuam vivos.

Os dias da televisão na sala

Nos anos 1970, a televisão passou a ocupar um lugar importante no cotidiano.

Não havia muitas opções — poucos canais, programação limitada.

Mas, talvez por isso mesmo, cada programa tinha mais significado. Assistir à televisão era um evento.



Em Recife, cada canal tinha sua presença própria.

A TV Jornal do Comércio, com suas novelas e programas populares.

A TV Rádio Clube, mais tradicional, já integrada à vida da cidade.

A TV Universitária, trazendo um conteúdo mais cultural e reflexivo.

E, com a chegada da TV Globo, em 1972, algo mudou.

A televisão deixou de ser apenas entretenimento e passou a ocupar o centro da vida doméstica.

Lembro-me de me sentar diante da televisão como quem participa de um ritual.

Mesmo quando a imagem falhava, quando surgiam os chuviscos na tela, nada disso diminuía o encanto.

O que importava era a experiência.

A sensação de ser transportada para outro lugar.

De viver, ainda que por alguns instantes, dentro de outra realidade.

Era mais do que assistir.

Era participar.

Hoje, ao mergulhar nessas lembranças, percebo que a televisão desempenhava um papel bem distinto daquele que exerce atualmente.

Não era excesso.

Era encontro.

Era um ponto de convergência dentro da casa — um momento compartilhado.

E, de certa forma, ainda consigo sentir aquele mesmo clima ao lembrar daquele tempo.

Como se, por um instante, eu pudesse voltar à sala da minha juventude — onde tudo era mais simples, mais concentrado... e profundamente vivido.

CAPÍTULO 6

Quando a história nos atravessa

Era um tempo conturbado.

O Brasil vivia sob o regime militar, e havia uma tensão silenciosa no ar. Greves, prisões, censura — tudo isso fazia parte do cotidiano, mesmo quando tentávamos seguir a vida com alguma normalidade.

Eu ainda era jovem, cheia de planos, mas já percebia que caminhava em um cenário delicado, onde nem tudo podia ser dito ou exposto com liberdade.

Alguns acontecimentos históricos não ficaram restritos aos livros. Eles atravessaram nossas vidas.

E, no meu caso, a mudança para Recife, no início de 1968, foi um desses momentos em que a história do país e a minha própria história se encontraram.

Naquele período, a União Nacional dos Estudantes — a UNE — tinha uma presença forte em Pernambuco. Mesmo na ilegalidade, continuava sendo um símbolo de resistência.

Nas universidades, nas ruas e até nas conversas silenciosas, havia um sentimento coletivo de inquietação — uma vontade de não deixar que tudo fosse simplesmente aceito.



Eu observava aquele cenário com a curiosidade típica da juventude, mas também com uma percepção crescente de que estava vivendo um momento importante da história do país.

Foi ali que comecei a entender algo fundamental: a história não acontece longe de nós — ela nos atravessa.

A aprovação que eu não vi

Outro momento marcante veio no início de 1969, com a divulgação do resultado do vestibular.

Lembro-me de procurar meu nome na lista, linha por linha, com o coração apertado. Procurei uma vez. Procurei outra. E não encontrei.

A sensação foi imediata — um silêncio interno, uma certeza de ausência. Acreditei que não havia sido aprovada.

Foi então que o telefone tocou.



Do outro lado da linha, meu amigo Maurílio, com entusiasmo na voz, disse:

— Marcise, seu nome está na lista da turma de Física — sua segunda opção!

Por um instante, duvidei.

Mas era verdade.

Meu nome estava lá — não onde eu imaginava, mas exatamente onde deveria estar.

E a alegria veio com força.

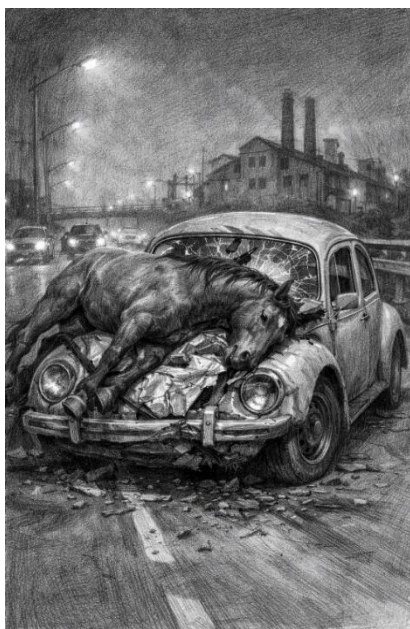
Uma alegria surpresa, intensa, que ocupou todo o espaço que antes pertencia à frustração.

Aquele momento me ensinou algo que nunca esqueci: nem sempre a vida nos coloca onde planejamos — mas, muitas vezes, nos coloca exatamente onde precisamos estar.

A colação que começou com um impacto

Os anos passaram, e, em dezembro de 1972, chegou o momento da colação de grau em Licenciatura em Física.

A cerimônia aconteceria no Geraldão, em Recife — um espaço amplo, preparado para uma grande celebração.



Eu estava pronta.

Mas, como tantas vezes na vida, o inesperado surgiu.

No caminho para o evento, na Avenida Agamenon Magalhães, próximo à antiga fábrica Tacaruna, um cavalo apareceu de repente na pista.

O impacto foi inevitável.

O animal foi atingido e caiu sobre o carro. O susto foi enorme — daqueles momentos em que o tempo parece suspenso.

Veio o silêncio.

Depois, a preocupação.

Retirar o cavalo, avaliar os danos, verificar se o carro ainda funcionava.

Ele pegou.

E seguimos.

Mas o tempo não esperava.

Quando cheguei ao local da cerimônia, meus colegas já haviam assinado a ata — o documento que oficializava a colação de grau.

Sem aquela assinatura, eu não poderia colar grau.

Começou, então, uma busca apressada pelos bastidores. Perguntas aqui, subidas e descidas de arquibancadas, tentativas de localizar o documento.

Até que, depois de insistência e alguma sorte, encontrei a ata.

Assinei.

E só então respirei.

Foi um momento tenso — mas também revelador.

Porque, mais uma vez, a vida parecia dizer: é preciso persistir até o fim.

Ao olhar para trás, percebo que esses acontecimentos — grandes ou pequenos — foram moldando minha trajetória.

Alguns trouxeram alegria.

Outros deixaram marcas difíceis.

Mas todos contribuíram para formar quem me tornei.

Caminhos e conquistas

Concluí minha formação em Física — um marco importante, uma conquista que provou, прежде de tudo a mim mesma, a minha capacidade intelectual.

Foi uma vitória construída com esforço, disciplina e persistência. Mas, com o tempo, compreendi que existem conquistas ainda maiores.

Meus filhos.

Com eles, aprendi que o amor não é apenas um sentimento — é uma força transformadora. Uma força silenciosa e intensa, capaz de reorganizar tudo ao nosso redor e de dar novo sentido à caminhada.

A maternidade me ensinou sobre entrega, sobre presença e sobre a capacidade infinita de recomeçar, sempre que necessário.

Ao longo da vida, também tive a oportunidade de conhecer muitos lugares. Viajei pelo Brasil e por diversos países, vivenciando experiências que ampliaram minha visão de mundo e enriqueceram profundamente minha trajetória.

Cada lugar deixou em mim uma marca — um aprendizado, uma memória, um novo olhar sobre a vida.

Morei em Paris e em Grenoble, cidades que se tornaram capítulos especiais da minha história. Foi ali que a língua francesa deixou de ser apenas um som bonito para se transformar em parte da minha própria vivência, do meu cotidiano, da minha identidade.

Essas experiências me ensinaram a olhar o mundo com mais amplitude e sensibilidade.

Mais tarde, ampliando ainda mais meus horizontes, concluí também o curso de Analista de Sistemas. Foi um novo desafio, uma nova forma de aprender e de me reinventar profissionalmente.

Hoje, ao reunir todas essas experiências, consigo enxergar uma linha que conecta cada etapa da minha vida.

Uma linha feita de escolhas, de caminhos inesperados e de contínua transformação.

Percebo que sempre fui movida por algo essencial: o desejo de aprender, de crescer, de me reinventar.

E entendo, com mais clareza, que minha história foi construída assim: passo a passo, com coragem, com abertura para o novo, e com a disposição de seguir adiante — mesmo quando não havia certezas.

Ser avó

Em 14 de abril de 1996, vivi mais uma transformação profunda: tornei-me avó. Meu filho Marcelo me deu esse presente.

— E, com ele, uma nova dimensão de amor surgiu dentro de mim.



Segurar Mayara pela primeira vez foi um momento especial. Tão pequena, tão delicada — parecia, de fato, saída de um sonho.

Enquanto eu me tornava avó, minha avó Doninha atravessava mais um tempo da vida, tornando-se bisavó.

Havia algo de profundamente simbólico naquela cena: ela, já em idade avançada, ainda pôde acolher a bisneta nos braços.

Naquele gesto simples, ela segurando a bisneta, percebi que a vida é feita de círculos que se fecham devagar.



E entendi que, embora sejamos avós tão diferentes, compartilhamos o mesmo dom: o de abrir espaço no peito para um amor que não envelhece.

Com o passar do tempo, outros netos chegaram: Eduardo e Guilherme, os gêmeos — distintos em seus jeitos, mas unidos por uma ligação profunda que vem desde o primeiro instante de vida.

No meio das fraldas, das mamadeiras e das noites mal dormidas de Kekeu, eu entendi — de novo — que a felicidade não nasce do silêncio nem da ordem.

E Marcelo, ainda tão jovem, precisou trabalhar dobrado para dar conta de três crianças.



A vida o convocou cedo demais para responsabilidades que muitos só conhecem bem mais tarde. Entre noites mal dormidas, contas para equilibrar e a pressa de quem não podia falhar, ele foi descobrindo uma força que talvez nem soubesse possuir.

E, no fim, esse turbilhão acabou se transformando no impulso que ele precisava para fazer sua empresa — ainda com menos de cinco anos de vida — crescer para além do que ele próprio imaginava.

A chegada de Maria

E, mais tarde, naquele mesmo dia em que minha filha Milena me ofereceu o mais antigo e, ao mesmo tempo, sempre renovado dos presentes — o presente de ser mãe — chegou Maria.

Ela veio como quem traz consigo um sopro de eternidade, carregando a delicadeza e a promessa silenciosa de recomeço que apenas uma nova vida é capaz de oferecer.

Era a chegada de uma existência ainda em estado de pureza, um instante em que o tempo parece suspender a própria respiração para acolher o milagre que se anuncia.

Maria repousava como se o mundo inteiro tivesse sido criado apenas para recebê-la. Havia nela uma força suave, quase imperceptível, mas que transformava tudo ao redor — como se cada gesto, cada olhar, cada pensamento se reorganizasse para abrir espaço para o novo.

E assim, entre o amor que já existia e o amor que acabava de nascer, senti que a vida, mais uma vez, se reinventava diante de mim.



Hoje, percebo que a família cresce não apenas em número, mas, sobretudo, em afeto.

A Casa que se enche de afeto

Cada chegada amplia os laços invisíveis que nos unem, tornando-os mais fortes e mais significativos.

Nos momentos em que estamos todos reunidos, essa sensação se revela com ainda mais intensidade — como se o

tempo, por instantes, se detivesse apenas para nos permitir sentir.

Especialmente no Natal que essa alegria se expande. A casa se enche de vozes, de risos e de memórias que se renovam a cada ano.

Os cheiros que saem da cozinha parecem abraçar cada canto. Há algo de sagrado na repetição daqueles gestos:

a mesa sendo arrumada com cuidado, as histórias que voltam a ser contadas como se fossem novas, os olhares que se cruzam carregados de afeto.

Entre um brinde e outro, surgem lembranças de natais passados — alguns mais simples, outros mais distantes —, mas todos unidos por um mesmo fio invisível: o de pertencimento.

Nessa noite, parece que o mundo lá fora desacelera. As preocupações ficam suspensas por algumas horas, como se também quisessem descansar.



E ali, sob luzes suaves e conversas que se estendem, cada um encontra um pouco de si no outro.

É nesse encontro, tão simples quanto profundo, que o Natal deixa de ser apenas uma data e se transforma em um espaço onde o amor se reconhece, cresce e permanece.

CAPÍTULO 7

A escolha que ficou

Houve um tempo em que a Física não era apenas um curso.

Era meu horizonte.

Minha vocação.

Meu projeto de vida.

Uma oportunidade rara surgiu: a possibilidade de ir ao Japão, por meio do consulado. Era o tipo de chance que poucos têm — um caminho que poderia abrir portas importantes na minha trajetória acadêmica.

Mas, ao mesmo tempo, havia outras presenças na minha vida que pesavam com igual intensidade.

O casamento.

Meu pai com a saúde fragilizada.

E o medo — muito real — de estar longe quando ele mais precisasse de mim.

Essa não foi uma decisão simples.

Não havia escolha perfeita.

Havia apenas aquilo que, naquele momento, fazia mais sentido para o meu coração.

E eu escolhi ficar.

Escolhi estar presente.

Acompanhar.

Cuidar.

Ao olhar para trás, vejo claramente:

essa foi uma escolha feita por amor.

E escolhas feitas assim não diminuem o caminho que deixamos de seguir — apenas reafirmam quem somos.

Com o tempo, é natural imaginar como teria sido a vida se o rumo tivesse sido outro.

Mas também aprendi algo importante:

a vida que vivi — com todas as suas construções, presenças e vínculos — também nasceu dessa decisão.

E não foi menor por isso.

Rupturas e caminhos interrompidos

Outra situação marcante aconteceu logo após a conclusão da minha graduação.

Eu me sentia pronta para dar novos passos.

Belo Horizonte me esperava para um congresso importante — uma oportunidade que não era apenas acadêmica, mas também simbólica. Ali, eu teria a chance de estar próxima de Beatriz Alvarenga, uma referência que sempre admirei.

Era mais um movimento na direção da vida que eu imaginava construir.

Mas, dessa vez, a barreira foi diferente.

Não veio de fora.

Veio de dentro do meu próprio ambiente familiar.

Foi um “não” que rompeu algo em mim — um limite imposto justamente no momento em que eu me sentia preparada para avançar.

A dor desse impedimento foi profunda.

Movida por esse sentimento, tomei uma decisão definitiva: afastei-me da Física.

De forma abrupta.

Sem retorno.

Hoje, reconheço esse momento como um verdadeiro ponto de inflexão.

Não foi apenas uma mudança de direção — foi uma ruptura.

Uma escolha feita sob o impulso da emoção, mas que redesenhou toda a minha trajetória.

Outro episódio que ainda ecoa dentro de mim está ligado ao período em que vivi em Grenoble, na França.

O retorno antecipado ao Brasil deixou uma sensação difícil de traduzir.

Não era apenas saudade do lugar.

Era algo mais sutil — e, ao mesmo tempo, mais profundo.

A sensação de algo inacabado.

Como se uma parte da minha história tivesse sido interrompida antes de chegar ao seu desfecho natural.

Essa sensação permanece até hoje — não como dor, mas como um questionamento silencioso.

Um daqueles “e se” que não se resolvem.

Apenas passam a coexistir dentro de nós.

Espaços que transformaram

Mais tarde, outro momento transformador surgiu com a mudança de casa, já em Olinda.

Antes, vivíamos na Rua Luiz Gomes.

Era um período marcado por insegurança — não apenas no ambiente externo, mas também dentro de mim. Eu vivia em

estado de alerta constante, como se precisasse estar sempre me protegendo de algo, mesmo quando não conseguia nomear exatamente o quê.

A mudança para a casa da Rua Manoel Borba representou muito mais do que uma simples troca de endereço.

Foi uma transformação interna.

A nova casa tinha uma energia diferente: mais aberta, mais leve, mais segura. Havia nela uma sensação de acolhimento que eu já não reconhecia há muito tempo.

Ali, pela primeira vez depois de um longo período, senti que podia respirar com tranquilidade.

Com o tempo, fui compreendendo algo essencial: os espaços em que vivemos exercem uma influência profunda sobre nós.

Eles nos moldam.

Nos afetam de maneira silenciosa.

Nos acolhem — ou nos limitam.

A casa anterior estava marcada pelo medo, pela tensão, pelo recolhimento.

A nova casa, ao contrário, representava expansão, liberdade e respiro.

Essa mudança também revelou algo muito verdadeiro sobre mim:

sou profundamente sensível aos ambientes.

Quando um espaço me oprime, eu me retraio.

Quando um espaço me acolhe, eu floresço.

E, de certa maneira, essa percepção dialogava com outras experiências da minha vida — como em Grenoble, onde eu me sentia aberta, curiosa, viva.

Ao reunir esses acontecimentos, percebo que minha trajetória esteve longe de ser linear.

Foi feita de desvios, interrupções e recomeços.

Mas, acima de tudo, foi construída por escolhas que refletiam quem eu era em cada momento.

E talvez seja isso que esses episódios realmente revelam:

não apenas o que vivi,

mas quem fui me tornando, passo a passo, ao longo do caminho.

CAPÍTULO 8

Pessoas que permanecem

Ao longo da minha caminhada, encontrei pessoas que deixaram marcas profundas em mim.

Algumas foram suaves, como um gesto de carinho.

Outras foram firmes, como um conselho capaz de mudar rumos.

E houve também aquelas que, por meio da dor, me obrigaram a crescer.

Cada uma, à sua maneira, contribuiu para formar quem sou hoje.

Entre todas essas presenças, duas se destacam como fundamento da minha história: meus pais.

Eles me ofereceram amor sem aprisionar, liberdade sem abandono e orientação sem imposição.

Com eles, aprendi que educar não é moldar o outro à nossa imagem, mas oferecer condições para que ele descubra quem realmente é.

Meus pais nunca interferiram nos meus sonhos.

Ao contrário — permitiram que eu partisse, que errasse, que recomeçasse.

E, quando escolhi o caminho que queria seguir, inclusive no amor, fui recebida com respeito e acolhimento.

Eles acreditaram em mim antes mesmo que eu soubesse acreditar em mim.

Meu padrinho — o Monsenhor — foi outra presença essencial em minha vida.

Mais do que uma figura religiosa, ele foi guia, conselheiro e porto seguro.

Sua sabedoria, aliada a uma presença serena, trouxe à minha existência uma dimensão de valores que ultrapassava o cotidiano.

Com ele, aprendi que viver também é servir, acolher e dar sentido ao que fazemos.

Meus avós maternos, Geninho e Doninha, representam as minhas raízes mais profundas.

Com eles, aprendi a força da simplicidade, da convivência e da partilha.

A casa deles, o sítio, a rotina — tudo carregava um tipo de ensinamento silencioso, daqueles que só compreendemos plenamente com o passar dos anos.

Ao longo da vida, também tive o privilégio de construir novas formas de família.

Meus sogros me acolheram com generosidade, indo além de qualquer formalidade.

Com eles, compreendi que laços verdadeiros não dependem apenas do sangue, mas da convivência, do respeito e do cuidado cotidiano.

E houve ainda pessoas como tia Eny.

Uma presença discreta, mas profundamente significativa.

Sempre que precisei, encontrei nela palavras que serviam como orientação — às vezes simples, mas sempre precisas.

Era o tipo de pessoa cuja presença ilumina momentos difíceis sem fazer alarde.

Mas nem todas as marcas que recebi ao longo da vida foram suaves.

Aprendizados e limites

Também enfrentei decepções.

Houve relações que me ensinaram sobre limites, sobre a fragilidade das expectativas e sobre a dor de confiar em quem não correspondia da mesma forma.

Apreendi, muitas vezes com dificuldade, que nem toda presença é sincera, que nem toda promessa se cumpre e que nem todo afeto é tão profundo quanto aparenta ser.

Essas experiências, embora difíceis, tiveram um papel importante.

Elas me conduziram a um olhar mais atento e honesto sobre mim mesma.

Passei a perceber onde eu insistia além do necessário.

Onde me anulava.

E onde esperava do outro aquilo que ele simplesmente não podia oferecer.

A partir dessas vivências, algo começou, aos poucos, a se transformar dentro de mim.

Passei a valorizar mais os meus limites.

Apreendi a dizer “não” quando necessário.

E, sobretudo, compreendi que a minha paz não poderia depender da aprovação ou da presença de outras pessoas.

Apreendi, com o tempo, que respeito, cuidado e consideração não são negociações.

São base.

Lembranças que acolhem

Curiosamente, enquanto atravessava tantas transformações internas, as lembranças da minha infância em Limoeiro permaneciam vivas dentro de mim — como um ponto de equilíbrio.

Há uma saudade que não pesa.

Apenas acolhe.

E é assim que me sinto quando penso na menina que fui.

Lembro-me da primeira bicicleta verde que ganhei do padrinho, o Monsenhor.

Mais do que um presente, ela representava liberdade.

Pedalar pelas ruas da cidade, ir até o Patronato Santo Antônio, sentir o vento no rosto — tudo isso fazia parte de uma descoberta silenciosa de autonomia, de movimento, de mundo.

Há também a lembrança da minha primeira ida ao circo.

A lona estendida, o cheiro de pipoca, o movimento constante das pessoas — e, no centro daquele universo mágico, uma cena que nunca esqueci: uma mulher tocando sanfona.

Naquele instante, algo se abriu dentro de mim.

Uma percepção nova, quase intuitiva, de que o mundo era maior do que tudo aquilo que eu conhecia.

Os parques de diversão que chegavam à cidade também marcaram meus dias.

Eu tinha medo de alguns brinquedos — especialmente os mais altos — mas isso nunca me impedia de participar.

Os cavalinhos eram meus preferidos.

Ali, entre luzes e música, eu vivia o que hoje reconheço como alegria genuína.

E havia as idas às fazendas com meu padrinho, durante as celebrações religiosas.

A estrada de terra, o calor, o movimento — tudo isso compõe uma coleção de sensações que ainda hoje consigo reviver com nitidez.

O Cine Capri também ocupa um lugar especial na minha memória.

Era ali que o mundo se expandia diante dos meus olhos.

Os filmes — Tarzan, as comédias brasileiras, tantas histórias e personagens — alimentavam minha imaginação e ampliavam, pouco a pouco, a forma como eu enxergava a vida.

Na adolescência, antes de deixar Limoeiro, vivi algumas das minhas experiências mais intensas de liberdade.

As viagens de bicicleta até o sítio de uma amiga permanecem entre as lembranças mais vivas.

Percorríamos longas distâncias — mais de uma légua — entre conversas, risadas e o vento constante no rosto.

Era esforço, sim.

Mas nunca foi peso.

Era alegria.

Era vida em movimento.

Chegávamos ao destino com a sensação de ter conquistado algo.

E, na volta, havia sempre aquele sentimento de leveza, como se tivéssemos vivido algo especial — ainda que simples.

Descobertas

Mais tarde, ao concluir o ginásial, fizemos uma viagem para Recife.

Ficamos hospedadas em um internato e, durante alguns dias, exploramos a cidade.

Tudo era novo.

Visitamos lugares, descobrimos cenários diferentes, convivemos de forma intensa — como acontece quando se está distante do cotidiano e aberta às novidades.

Havia, naquela experiência, um misto de curiosidade e encantamento.

A cidade se revelava aos poucos, e cada rua, cada espaço visitado, parecia ampliar um pouco mais o meu olhar sobre o mundo.

Foi um período breve.

Mas profundamente marcante.

Daqueles que permanecem como memória afetiva — guardados não apenas pelas imagens, mas pela sensação de descoberta, de crescimento silencioso, de vida se abrindo em novas direções.

Hoje, ao reunir essas lembranças, percebo que minha história foi construída tanto pelas grandes decisões quanto pelos pequenos momentos.

A infância não desaparece.

Ela apenas muda de lugar.

Sai das ruas, das casas, dos cenários — e passa a viver dentro de nós.

CAPÍTULO 9

O sentido do que vivi

A vida, para mim, sempre foi como um tecido delicado — feito de fios que se entrelaçam, às vezes com suavidade, outras com dureza.

Alguns desses fios brilham como ouro: são as conquistas, os momentos felizes, as realizações que iluminam o caminho.

Outros carregam a aspereza das perdas, das despedidas, das ausências que não escolhemos.

Mas todos, sem exceção, fazem parte do desenho de quem me tornei.

Despedir-se nunca foi fácil.

Ao longo do tempo, enfrentei perdas marcantes — pessoas que foram fundamentais na minha história e que deixaram espaços que jamais poderiam ser preenchidos da mesma maneira.

Meus avós maternos, que me ensinaram os primeiros gestos de afeto.

Meu pai, cuja presença ainda ecoa nas lembranças mais profundas.

Meu padrinho, o Monsenhor — meu avô do coração — cuja sabedoria permanece viva em mim.

Meus sogros, que me acolheram como família.

E, mais recentemente, minha mãe — cuja ausência ainda carrega uma dor silenciosa, daquelas que se acomodam no tempo, mas nunca desaparecem por completo.

A partida do meu pai foi abrupta.

Aos sessenta e nove anos, vítima de um atropelamento, ele permaneceu em coma por trinta e três dias.

Foram dias longos.

Dias em que a esperança e a dor caminharam lado a lado, sem nunca se afastarem completamente.

Sua despedida deixou uma marca profunda — daquelas que não desaparecem, mas que aprendemos a carregar como parte de nós.

Entre essas perdas, há também histórias que permanecem de outra forma.

Minha irmã, artista brasileira transexual, deixou uma obra significativa no campo da arte sacra.

Suas pinturas e esculturas atravessaram fronteiras e carregavam, em cada traço, não apenas técnica, mas também sensibilidade e fé.

Foi uma existência breve, mas intensa — marcada pela expressão, pela coragem e pelo legado.

E, de alguma maneira, essas presenças continuam.

Nas memórias que permanecem.

Nos ensinamentos que se revelam com o tempo.

Nos gestos que repetimos, muitas vezes sem perceber.

Porque, no tecido da vida, nada se perde completamente.

Tudo se transforma.

E tudo, de alguma forma, segue vivendo dentro de nós.

O essencial permanece

Mas a vida não se resume às despedidas.

Ela também é feita de construções.

E, entre todas as conquistas, uma se destaca de forma especial:

meu casamento.

Viver um relacionamento por cinquenta e quatro anos, em um mundo onde tudo parece cada vez mais rápido e descartável, é um tipo de construção que exige muito mais do que amor.

Exige presença.

Diálogo.

Paciência.

A capacidade de recomeçar, mesmo nos momentos difíceis.

Não foi uma trajetória sem desafios.

Houve momentos de desgaste, de silêncio, de divergência.

Mas houve, acima de tudo, a disposição de continuar.

De reconstruir.

De permanecer.

Ao longo desse caminho, compreendi que o amor também se transforma.

Deixa de ser impulso e passa a ser escolha.

Uma escolha que se faz, silenciosamente, todos os dias.

E, nos momentos mais difíceis, foi a fé que me sustentou.

Não uma fé ingênua, mas construída ao longo da vida — atravessada por dúvidas, perdas e recomeços.

Foi ela que me deu equilíbrio.

Que me ajudou a seguir quando tudo parecia incerto.

Enquanto minha história se desenrolava, o mundo ao redor também se transformava com rapidez.

Minha juventude foi marcada por um tempo analógico — gestos manuais, registros físicos, relações mais lentas.

Hoje, vivo em uma realidade em que tudo se modifica constantemente: tecnologia, comunicação, rotina.

A inteligência artificial, que antes parecia distante, tornou-se parte do cotidiano.

Acompanhar essa transformação é, ao mesmo tempo, fascinante e desafiador.

Mas ela também revela algo essencial:

a essência da vida permanece.

Mudam os meios.

Mudam os cenários.

Mas o que realmente importa — as relações, os valores, a memória — continua sendo o que sustenta tudo.

Hoje, aposentada, encontrei um novo caminho.

Dedico-me à pesquisa genealógica — uma forma de reconstruir histórias, compreender origens e dar sentido às raízes que nos trouxeram até aqui.

É um trabalho silencioso, paciente.

Entre documentos antigos, registros, nomes e datas, descubro fragmentos de vidas que antecederam a minha.

E, aos poucos, percebo que esse caminho também é um reencontro comigo mesma.

Porque entender as origens não é apenas conhecer o passado.

É compreender quem somos.

A genealogia me ensinou algo fundamental:

somos feitos de muitas histórias.

De vozes que não ouvimos,

de caminhos que não percorremos,

de escolhas que vieram antes de nós.

E, ao reunir tudo isso, percebo que minha trajetória foi marcada por três elementos essenciais:

as perdas que me transformaram,

as conquistas que me fortaleceram,

e a fé que me sustentou.

Nada foi em vão.

Cada experiência deixou sua marca — e, juntas, elas formam aquilo que sou hoje.

EPÍLOGO

Ao chegar ao fim desta narrativa, percebo que escrever este livro foi mais do que um exercício de memória. Foi um reencontro com a minha própria história, comigo mesma, com tudo aquilo que vivi e que, por vezes, não havia revisitado por completo.

Cada página escrita abriu uma porta. Algumas estavam fechadas há décadas, guardando lembranças que o tempo envolveu com suavidade. Outras permaneciam entreabertas, esperando apenas que eu tivesse coragem de olhar para dentro.

Revisitar minha vida foi como caminhar por um corredor de memórias iluminado por diferentes intensidades de luz. Em alguns momentos, tudo estava claro — vívido, presente, como se tivesse acontecido ontem: o cheiro do fogão a lenha, o som do balanço, a voz do meu pai contando histórias. Em outros, a luz era mais suave, e foi preciso olhar com mais cuidado para reconhecer os contornos das dores, das perdas, dos silêncios que também fizeram parte da minha construção.

Ao escrever, compreendi algo essencial: a vida não se constrói apenas nos grandes acontecimentos. Ela se forma nos detalhes. No gesto repetido. Na rotina simples. No cuidado cotidiano.

Este livro começou com um presente — um gesto de amor da minha neta Mayara.

Mas se transformou em algo maior. Tornou-se um reflexo. Um registro. Um legado.

E é por isso que deixo estas palavras para vocês, meus netos. Não apenas para que conheçam a minha história, mas para que compreendam que cada vida é feita de escolhas, encontros e recomeços.

Que saibam que a força que carregam não surgiu por acaso. Ela vem de longe. Vem de pessoas que viveram, lutaram, amaram e construíram caminhos antes de vocês.

Se algum dia se perguntarem quem são ou de onde vêm, espero que encontrem aqui parte dessa resposta.

A vida é como um rio. Muda de forma, muda de direção, mas nunca deixa de seguir.

Eu vivi intensamente. Vivi com alegrias profundas, com dores que me ensinaram, com dúvidas, com fé. E, ao olhar para trás, sinto algo que resume tudo: gratidão.

Se há algo que desejo que levem deste livro, é isto: a vida vale a pena quando é vivida com verdade, com coragem e com amor. E que, em cada passo que derem, levem um pouco de mim — assim como eu carrego, em cada lembrança, um pouco de vocês.

E assim encerro esta história. Não como quem fecha um livro, mas como quem abre espaço para novos começos. Porque a memória continua. O amor continua. E a vida... sempre encontra um jeito de seguir.



Neste livro sensível e comovente, Marcise Mendonça Vital abre as portas da memória para compartilhar com seus netos — Mayara, Eduardo, Guilherme e Maria — o legado de uma vida marcada por amor, fé e descobertas.

O gesto simples e cheio de carinho de sua neta, ao presenteá-la com o livro “*Vó, me conta a sua história*”, torna-se o ponto de partida para uma viagem íntima pelas lembranças da infância, pelas raízes familiares e pelos caminhos que moldaram sua identidade.

Entre recordações de Limoeiro, o afeto do padrinho Monsenhor, o acolhimento do pai e a presença carinhosa da mãe, Marcise reconstrói o universo que a formou. Suas palavras revelam um cotidiano simples, mas repleto de significado — as brincadeiras de infância, os estudos, as mudanças e os laços que atravessaram gerações.

Com delicadeza e profundidade, transforma memórias em ensinamentos, mostrando que a vida se constrói nos detalhes — nos gestos repetidos, na rotina, no cuidado cotidiano.

Mais do que uma autobiografia, esta obra é um gesto de amor e continuidade. Um convite para que filhos e netos reconheçam suas origens e compreendam que o amor, quando narrado com verdade, se transforma em história.

Algumas memórias não passam. Elas permanecem — como o fogo do fogão a lenha que ainda aquece o coração.



Kattleya
EDITORA

